



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)
CURSO DE PSICOLOGIA

Fernanda Guerra Galon

**“AMIGO ESTOU AQUI”:
UM CAMINHO DA FRATERNIDADE À AMIZADE
SOB O OLHAR PSICANALÍTICO ATRAVÉS DA TRILOGIA
TOY STORY**

SÃO PAULO

2019



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE (FACHS)
CURSO DE PSICOLOGIA

Fernanda Guerra Galon

**“AMIGO ESTOU AQUI”:
UM CAMINHO DA FRATERNIDADE À AMIZADE
SOB O OLHAR PSICANALÍTICO ATRAVÉS DA TRILOGIA
TOY STORY**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob orientação do Prof. Dr. Mauro Lantzman

SÃO PAULO

2019

Agradecimentos

Chegou a hora de lembrar aqueles que me ajudaram a chegar aqui. Alguns anos atrás eu me lembro bem de querer estar onde estou hoje, lembro-me de refletir que minha vida não estava indo pelo caminho que eu gostaria, este curso representou uma possibilidade total de renovação e de aprendizado, tanto na esfera profissional, quanto na pessoal. São muitos os que me ajudaram neste processo, farei o possível para lembrar deles com carinho nesta parte.

Família

Agradeço com muito afeto à minha mãe, Lourdes. Foi ela quem me permitiu a continuação neste curso tão longo, tanto me apoiando como pessoa quanto na esfera financeira. Não foi nada fácil. Um curso com tamanha carga horária, com uma duração de 5 anos - na qual eu fiz em 6 - e que, mesmo eu sabendo que eu não sou tudo aquilo para todo este investimento, esta é a pessoa que está sempre ali para me apoiar, eu sei para onde posso voltar, sempre.

Agradeço aos meus irmãos, porque se eu pudesse escolher quaisquer pessoas no mundo para ter esse vínculo comigo eu jamais mudaria. Tenho no meu irmão, Guilherme, e na minha irmã, Daniela, dois dos meus melhores amigos. Confio em ambos de olhos fechados. Obrigada pelas risadas, papos, apoio, análises da cultura pop, partidas de jogos da vida e conversas que iniciam no começo da noite e seguem até o infinito e além.

Agradeço ao meu tio, José Mário, que proporciona conversas muito divertidas aqui em casa quando está no Brasil. Mesmo eu já estando com 30 anos você sempre respeitou minha maneira de ser, sempre trouxe todos os presentes gringos que eu pedi (não poderia esquecer disso) e mais. Minha coleção segue firme e forte. Sou afilhada do melhor tio.

Entendo que uma das maiores seguranças (que é fundante) de um ser humano é a certeza de que, em algum momento, ele foi amado. Eu sou uma pessoa privilegiada e em condições de seguir em frente porque eu tenho a certeza que fui e sou amada. Sintam-se retribuídos.

Agradeço conjuntamente aos meus animais de estimação, porque foram de um companheirismo intenso. Sempre que eu queria ter alguém para abraçar, lá estavam eles. Ao longo deste curso perdi dois dos meus quatro cães, logo no começo da graduação. É como se eles me mostrassem que, embora o período à frente fosse de extrema transformação, eu também aprenderia recursos para seguir mais sozinha. Nunca serão esquecidos. Suas iniciais aqui: Y. E. B. A.

Os animais de laboratório que me permitiram a aprendizado na faculdade também foram lembrados, porque aprendemos a respeitar todas as formas de vida.

Corpo Docente

Agradeço ao meu orientador, Mauro Lantzman, porque esteve comigo desde o começo desta jornada. Conheci o professor no primeiro ano de graduação, e lá na frente - onde cá estamos - ele veio fazer parte desta caminhada novamente. Quando eu escolhi você como orientador foi por perceber que, além de excelente profissional, também é excelente como pessoa. É assim que eu escolho quem eu quero na minha caminhada. Agradeço por entender que eu tinha um tempo meu de escrita, de perguntas, de andamento da pesquisa e por não ter me olhado com aquele olhar de indiretas nunca, o que foi muito importante para eu continuar escrevendo, confiando e fazendo a pesquisa com a qualidade que eu queria fazê-la.

Agradeço à minha parecerista, Ana Cristina Marzolla, porque além de ter sido minha professora, geramos uma amizade. Coisa difícil de acontecer de maneira verdadeira num ambiente de cobranças, prazos, num ambiente que as vezes é bastante ideológico, fazendo as pessoas pouco se olharem. E conosco houve muito carinho. Ficaram guardados na minha lembrança os momentos de aula e de supervisão, que me foram muito importantes, sem a sua

orientação não seria possível atender aquela família com a qualidade que atendemos, porque sabemos que as pessoas precisam muito de nós nesta profissão, a sua orientação fez toda a diferença, os anos passam e só confirmam isso cada vez mais.

Amigos, claro

Uma das coisas que eu levo em consideração no meu critério pessoal de avaliação de uma etapa da vida, ou de um lugar, foi a possibilidade que eu tive de fazer amigos. E neste ponto em especial... eu só tenho a agradecer. A faculdade, apesar de gerar tantas discussões acaloradas nas minhas rodas de conversa, me permitiu vínculos diversos, num nível de sinceridade, carinho, profundidade de opiniões, de questionamentos pessoais e profissionais que poucas vezes vi. De uma riqueza enorme para meu crescimento, lembrarei das conversas que tivemos nesses espaços entre-aulas, onde tínhamos um tempo livre, Winnicott talvez diria que foram nos espaços potenciais. Provavelmente sim, sou particularmente fã desses espaços onde não estamos nem lá nem cá, que estamos numa transição, saímos do ponto de saída, mas não estamos perto do local de chegada, esse foi o período de graduação. E essa também não é a condição em que todos nós estamos quando em análise?

Seria muito difícil citar os nomes dos meus amigos nesta sessão, por isso, gostaria de falar a todos de uma forma mais ampla. Obrigada por estarem comigo nesta jornada, pelas conversas, pelas dicas, pelos ensinamentos e porque eu tive a oportunidade de, com vocês, ser vista de mais de uma maneira, mais própria, eu pude mostrar um pouco de quem eu sou e vocês se propuseram a escutar - e a confiar em mim, pude ser sujeito do meu próprio discurso com vocês. Tivemos um verdadeiro encontro, muito obrigada. Vamos continuar tendo.

Agradeço aos meus analisandos por confiarem em mim.

Aos Antepassados

Agradeço à vários deles. Aos antepassados da minha família, meu avô faleceu durante este período de graduação. Muitas vezes voltei para casa cheia de questionamentos pessoais e lembrei de você(s). Se não fosse pela jornada que fizeram antes, eu não poderia aparecer de cabeça erguida e continuar minha vida sabendo que não sou nem melhor, nem pior do que os demais, apesar do que muitas vezes querem nos fazer acreditar.

Agradeço pelos que vieram antes de mim e construíram o curso de psicologia, muito bem estruturado na PUC, com bases científicas e uma longa história de ativismos sociais. Hoje eu sinto que a psicologia já usufrui de muito mais respeito por causa de vocês. Agora passam o bastão para mim. Sei que posso confiar nesta profissão, porque quando precisei dela senti sua potência positiva, e sei que eu estudei a profissão certa porque com a psicologia ofereço à sociedade aquilo que eu acredito existir de mais verdadeiro.

Agradeço à Deus, porque quando eu pedi ajuda, sempre esteve presente para mim.

Este trabalho também é dedicado à vocês.

A boa amizade é meio misteriosa: de repente, conhecemos alguém e acontece um 'clique'. Mas no coração das boas amizades mora um fator imprescindível: a vulnerabilidade. Pensamos que os outros gostam de nós por nossos pontos fortes, nossas realizações. Isso impressiona, mas não é preponderante. Você se aproxima verdadeiramente de uma pessoa quando os dois são capazes de se afastar do script oficial e começar a mostrar as verdades esquisitas escondidas atrás da fachada alegre, a mostrar coisas que, em mãos erradas, poderiam resultar em dolorosa humilhação. Amizade é o dividendo da gratidão que flui da percepção de que o outro lhe oferece algo muitíssimo valioso: a chave para sua autoestima e sua dignidade. Alain de Botton, 2018.

Certamente, não conseguiria ser amigo de alguém que tenha critérios morais totalmente opostos aos meus. Meu critério do "totalmente oposto", aliás, é este: meus amigos podem ter ideias morais diferentes das minhas, mas não podem dever suas ideias a um grupo, seja qual for. Em matéria de moral, meus amigos e eu devemos ter de comum isto: preferimos errar sozinhos a estarmos certos em grupo. E mais isto: meus amigos e eu cultivamos nossas próprias ideias sem a intenção de transformá-las em breviário universal -na verdade, sem nenhuma vontade de impô-las a outros. Contardo Calligaris, 2017.

Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e se confundem, em uma única alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação. Se insistirem para que eu diga por que o amava, sinto que o não saberia expressar senão respondendo: porque era ele, porque era eu. Michel de Montaigne (1533-1592)

Título: “AMIGO ESTOU AQUI”: UM CAMINHO DA FRATERNIDADE À AMIZADE
SOB O OLHAR PSICANALÍTICO ATRAVÉS DA TRILOGIA TOY STORY

Orientanda: Fernanda Guerra Galon

Orientador: Mauro Lantzman

2019

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar se as relações que os personagens da trilogia de animação Toy Story desenvolvem ao longo da história têm aspectos e características semelhantes à compreensão de amizade vistos a partir da teoria psicanalítica. Para tanto, foram assistidos aos três filmes Toy Story, na sua versão dublada e analisada a trilogia Toy Story ora como um todo, ora destacando algumas cenas mais específicas onde existem aspectos das compreensões de amizade para a psicanálise. Esta é uma pesquisa documental, e utilizou tipos de fontes documentais chamadas publicações científicas de autores selecionados e obras fílmicas. Inicialmente, buscou-se pela fundamentação teórica, encontrando pesquisas que interpretaram a compreensão da amizade nas entrelinhas das teorias de Freud e Winnicott. Enquanto para Freud a amizade é entendida de maneira mais negativa, sendo uma forma de inibição, uma restrição pulsional e uma diminuição do prazer, para Winnicott a amizade é vista de maneira positiva, associada a capacidade de brincar, de estar só, de compartilhar a intimidade, de reconhecer a alteridade e de concernimento. A amizade foi compreendida também como a possibilidade do encontro com a alteridade, constituinte do sujeito. Os resultados apontaram para o entendimento de que os personagens de Toy Story desenvolveram vínculos de amizade ao longo da trilogia, sendo que iniciaram a sua relação como irmãos e, só mais tarde, tornaram-se amigos. Tanto Woody e Buzz quanto o garoto Andy se vincularam de modo que demonstraram viver um laço de amizade. Foram capazes de uma grande transformação ao longo da trilogia na qual, no final, independente do caminho que sigam, permanecem juntos, compartilhando sua condição de existência.

Palavras chave: amizade; fraternidade, psicologia; teoria psicanalítica; animação;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MÉTODO	15
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – COMPREENSÃO PSICANALÍTICA SOBRE A AMIZADE	17
1.1 Amizade em Freud	17
1.2 Amizade em Winnicott	20
1.3 Comparação entre as duas concepções.....	24
1.4 Melanie Klein e Joan Riviere também se dedicaram ao tema.....	27
1.5 Compreensões complementares e contemporâneas sobre a amizade na psicanálise	28
ANÁLISE	34
2.1 A chegada do estrangeiro	34
2.1.1 Análise das cenas	35
2.2 Disputa, inveja, ciúmes e rivalidade originária em cena.....	37
2.2.1 Análise das cenas	37
2.3 Funções fraternas e identificações horizontais – outras possibilidades para além da rivalidade.....	40
2.3.1. Análise das cenas	41
2.4 Espaço Pontencial, um conceito que merece nossa atenção	45
2.5 Uma amizade surge?	48
2.5.1 Análise das cenas	49
DISCUSSÃO	56
REFERÊNCIAS	60
ANEXOS	64

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso discorre sobre a amizade vista sob o olhar da psicanálise, a partir de uma reflexão da trilogia de animação Toy Story. Desta forma, utilizando-se de momentos mostrados na trilogia, aliado à consulta de publicações científicas de autores selecionados, pretende-se analisar se as relações que os personagens desenvolvem ao longo da história têm aspectos e características semelhantes à compreensão de amizade vistos a partir da teoria psicanalítica.

Foi a partir de uma motivação, de uma curiosidade pessoal, a de querer entender as relações presentes na trilogia Toy Story, que delineou-se um caminho de pesquisa - e chegamos, aos vínculos de amizade e à psicanálise como base teórica na busca por esse objetivo.

As animações Toy Story, produzidas pelo estúdio da Disney's Pixar - que compõem uma trilogia, até o momento, respectivamente lançadas em 1995, 1999 e 2010 - contam a história dos brinquedos de um garoto chamado Andy, que vivem grandes aventuras quando ninguém está observando. No filme, a ideia de que os brinquedos também têm uma vida mas não podem mostrar isso aos humanos traz boa parte da graça para a história, uma vez que os brinquedos vivem aventuras e desafios, ao invés de serem apenas seres inanimados nos quais as crianças brincam e depositam suas fantasias. Ainda devemos lembrar que nem tudo é fácil na vida dos brinquedos - eles também têm seus medos, como serem substituídos, deixados de lado e abandonados. Apesar de seus temores, podemos ver que as relações entre crianças e seus brinquedos - e também entre os próprios brinquedos - são bastante fortes, refletindo laços humanos presentes em diferentes momentos da vida. (Corso, 2009)

A relevância desta pesquisa está em investigar se as animações Toy Story mostram relações que refletem relacionamentos de adultos e crianças através de seus personagens e podem ajudar na demonstração da amizade.

Ao longo de toda a vida estamos em processo de estabelecimento de vínculos, mas podemos passar por estes processos de infinitas maneiras. Na trilogia Toy Story observa-se que, apesar dos muitos desafios e obstáculos pelos quais os personagens se encontram, a maneira pela qual eles passam por estes processos é

fonte de inspiração, a ponto de ser escolhida esta história visando uma interlocução entre produção artística e teoria psicanalítica sobre os vínculos de amizade - além de servir como um aprendizado à todos (autor e leitor) para um novo olhar para a realidade em busca de relações mais saudáveis e amistosas em nosso entorno.

De acordo com Gondar (2014) muito se escreve sobre amor e, em especial, sobre o amor de transferência, mas pouco se escreve a respeito da amizade. O termo “amizade” aparece apenas seis vezes nos textos freudianos na língua inglesa, quase todas se referindo ao seu engendramento na sexualidade ou no retorno do erotismo nos laços de parceria e Freud faz apenas um comentário em “Análise terminável interminável” (obra de 1937) sobre uma relação entre terapeuta e paciente com possibilidades amistosas, para além do vínculo transferencial e não há menção de sua importância na própria transferência, na relação entre pares ou na constituição do repertório psicanalítico. Mas contrariamente, a psicanálise nasceu marcada pela amizade, tanto no plano teórico quanto no clínico e institucional, uma vez que todo o movimento psicanalítico é atravessado pelos vínculos de amizade:

Desde a elaboração da análise de Freud com Fliess, passando pelas relações de aproximação e ruptura de Freud com Jung, Adler e Rank, a instauração do “comitê secreto” e até mesmo a instituição da IPA, é todo o movimento psicanalítico que percorre, em suas diversas facetas, o fio do amigo. (GONDAR, 2014)

Gondar (2014) coloca que, talvez, com o húngaro Sandor Ferenczi este vínculo tenha sido mais forte e duradouro sendo que Freud chegou a afirmar, por muitos anos, que os textos de um e de outro poderiam ser assinados por qualquer um dos dois (ambos tinham as iniciais SF nos nomes). Mas Freud e Ferenczi possuíam ídoles e interesses distintos. Enquanto Freud buscava reconhecimento científico e conquista de adesão ao saber construído por ele, para Ferenczi tratava-se de experimentar parcerias afetivas capazes de acolher e transformar o sofrimento de seus pacientes. É para Ferenczi que a questão da amizade se tornaria fundamental, sendo este o tema que muitas vezes dá o tom da sua pesquisa clínica, mesmo não sendo abordada de maneira sistemática – não há uma teoria da amizade em Ferenczi, embora se trate de um tema central em seu modo de pensar e exercer a psicanálise.

Em Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), o tema das relações fraternas nos ajudam a pensar sobre a amizade. O complexo fraterno é de fundamental importância na estruturação da vida psíquica individual e social do sujeito, e a dinâmica vincular surgida entre irmãos é passível de vir a determinar o destino de suas vidas e de seus descendentes. O fraterno inclui fraternidade, que é entendida como uma trama horizontal entre pares, sendo que esses têm semelhanças e diferenças. E a questão do fraterno pode ser entendida em um sentido que excede o vínculo entre irmãos. As autoras afirmam que é mais facilmente encontrado – na literatura, na vida social e na clínica – exemplos de competição, rivalidade, inimizade entre irmãos, mais do que exemplos de amizade e solidariedade. Desta forma, as autoras pensam que vínculo de amizade representa a qualidade do fraterno - enquanto semelhante - e os amigos são aqueles para os quais os valores da fraternidade são deslocados, uma vez que eles são os “irmãos escolhidos” e colocam que “a amizade é uma relação de irmandade eleita”. (Kancyper, 2004 apud Goldsmid e Féres-Carneiro, 2011).

De acordo ainda com Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) o nascimento do segundo filho inaugura a fratria e o conflito intrageracional simultaneamente, sendo que, a chegada do segundo irmão perturba o equilíbrio constituído com sua presença, a sua chegada é a do “estrangeiro”. Os irmãos que não podem ser escolhidos, mas são com eles com quem dividimos nossa carga genética, família, classe social, contexto histórico, experiências, vivências e lembranças por mais tempo do que provavelmente com qualquer outra pessoa e o relacionamento fraterno vai se constituir em uma teia complexa de sentimentos e emoções ligados a elementos de caráter cognitivo, cultural e social, entrelaçados e difíceis de separar. O filho primogênito perde o lugar do único e privilegiado que ocupava com a inauguração da fratria e os irmãos desempenham um importante papel na constituição do sujeito, além da disputa do amor parental. O ciúme também é lembrado como importante na construção da personalidade, uma vez que o outro permite a cada um dos irmãos se definirem melhor, através do jogo de semelhanças e diferenças entre si.

Na trilogia Toy Story também é possível ver que, antes do laço afetuoso existe uma rivalidade, mas que essa se transforma ao longo da história. A chegada de Buzz desloca Woody de uma posição de preferência e, ao longo dos filmes, ambos

precisam cooperar para solucionar os problemas que surgem e com isso criam um vínculo – logo, inicialmente, buscamos entender os vínculos fraternos para nos ajudar a pensar essa relação que vai se tornando amistosa.

Para elucidar mais motivos que nos levam a falar sobre amizade, a autora Gonçalves (2005) no lembra que num mundo no qual existe o imperativo de uma cultura narcisista que encontra forte expressão no individualismo, a amizade é uma das mais saudáveis conquistas do processo maturacional e Rozenthal (2013) também observa, no mesmo caminho que, esperar dos analisandos um grau de interiorização e de intimidade com a verbalização vai em direção oposta com as características da sociedade de consumo em que vivemos hoje.

Desta maneira, encontrando nestas elucidações críticas demonstrações, ao menos parciais, sobre a relevância do tema e o porquê de sua escolha, não podemos deixar de lembrar que este não é um tema novo, porém, como afirma muito bem Gonçalves (2005), é um tema mais afeito aos poetas, filósofos e sociólogos, sendo pouco explorada pela psicanálise que procura entender o círculo de amizades na economia psíquica dos indivíduos e as forças em jogo nessas vivências, nas palavras do autor:

[nessas vivências de amizade] que contêm tanto a força do cálido quanto a da paixão. Constata-se que, entre amigos, pode-se viver uma relação arrebatadora porém sem ser ameaçadora e disruptiva, porque é emoldurada e contida pelo contexto da ternura, respeito e consideração. (GONÇALVES, 2005, p.156).

E Gonçalves (2005) ainda nos explica que o tema da “amizade” é mais frequentemente encontrado nas áreas da psicologia do desenvolvimento, da psicologia dos grupos e social, ou em um enfoque da educação; a metapsicologia psicanalítica ainda possui uma escassa bibliografia, assim, compreender os laços de amizade através da psicanálise nos remete a considerações distintas. Uma frase reflexiva sobre isso se depara com nossas motivações “A psicanálise, dispõe de um vocabulário pobre para estados de plenitude que não sejam considerados patológicos”. (PHILLIPS, 1996, p.62 apud GONÇALVES, 2005, p.173). Esperamos que não seja simples assim.

A autora Lejarraga (2010), que também escreve sobre o tema da amizade complementa nosso conhecimento, afirmando que o tema “amizade” foi amplamente

abordado pelo pensamento filosófico desde a Antiguidade até os nossos dias, mas a psicanálise pouco se ateuve sobre a temática, mais frequentemente se referendo à fraternidade, num sentido amplo. A autora ainda afirma que:

As práticas sociais e os sentidos da amizade, da mesma forma que os sentidos do amor, são constituídos historicamente e se transformam, dependendo das culturas e das épocas históricas. É provável que, nesse sentido, a escassa atenção de Freud para o fenômeno da amizade, que lança o sujeito fora do meio familiar, se deva à ideologia familialista que imperava no seu contexto cultural. Segundo Francisco Ortega, no seu livro “Genealogias da amizade” (Ortega, 2002), com a hegemonia da família nuclear e a incorporação do amor e da sexualidade no casamento, no século XIX, entraram em declínio as práticas e as reflexões sobre a amizade. (LEJARRAGA, 2010, p.86)

Rosenthal (2013) - continuando nosso caminho através da psicanálise - afirma que a amizade, transposta para o território psicanalítico, se tornaria um instrumento de subjetivação privilegiado, uma vez que a amizade teria, especialmente para o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, um potencial prático transformador.

As observações de Ferenczi quanto à centralidade da verdade, da sinceridade, da responsabilidade e da sensibilidade na clínica analítica levam-no a teorizar a respeito do valor da qualidade afetiva dos encontros analíticos. Para Ferenczi, o sucesso da análise depende da “verdade” do laço de amizade estabelecido entre analista e analisando, sendo ele o signo maior de que o analista teria sido capaz de controlar o próprio narcisismo e de que a sua demanda inconsciente está orientada na direção do tratamento do analisando. (ROSENTHAL, 2013, p.477)

Rosenthal (2013) reafirma desta maneira que, no pensamento de Ferenczi, a amizade funcionaria como um operador central da subjetivação. A amizade, como instrumento clínico prioritário consistiria, também, na resistência aos poderes coercitivos da sociedade, colocando-se como ferramenta da transformação de si e como afirmação política da democracia – existindo, assim, uma dimensão resistiva no encontro possibilitado pela amizade. Desta maneira, somente se o analista puder se colocar como “amigo” do analisando, com responsabilidade e sensibilidade, o analisando poderá desenvolver um modo de subjetivação satisfatório. Além disso, para que o exercício da amizade entre analista e analisando seja esse instrumento, seria preciso que o analista fosse capaz de fazer apelo à alteridade subjetiva em si próprio:

Caberia ao analista, como condição da análise, apresentar-se como amigo do analisando, escapando, ele também, às identidades “universais” sociais. Dessa maneira, ao colocar-se disponível para o engendramento de um modo de subjetivação satisfatório, o analista se veria comprometido com a história singular do analisando. A mudança de estado subjetivo que, só então, ocorre a ambos os protagonistas lhes seria, do mesmo modo, evidente. Tal significado de amizade, coletivo e subjetivo, propõe articular de forma indissolúvel as relações sociais e a prática clínica – vida e obra – dos analistas. (IBIDEM, p. 480-1)

Podemos ver que Ferenczi, em especial, entendia a amizade como um instrumento clínico, ainda que esta fosse uma questão subliminar em sua obra, – mas extremamente significativa e constante na obra do psicanalista húngaro. (PEIXOTO JUNIOR, 2013)

Mas podemos encontrar uma reflexão deste tema para além de um pensador ou teórico; para além do manejo e do setting clínico, o que é fundamental para podermos entender melhor as relações possíveis de amizade dentro das obras fílmicas escolhidas. Lejarraga (2010), faz uma comparação sobre as concepções de amizade que são lidas nas entrelinhas nas teorias de Freud e de Winnicott, com o objetivo de demonstrar que a perspectiva winnicottiana nos permite teorizar positivamente a amizade e supera a definição freudiana, que tem um sentido negativo, ao concebê-la como amor inibido e prazer minguado. Seguindo no trabalho da autora, não existe a preocupação de traçar uma fronteira rígida entre o amor sexual e a amizade, - fronteira que ela nos lembra que sequer existe – e que aqui nesta pesquisa também não existe tal objetivo. A autora coloca algumas características importantes a serem vistas sobre a amizade abaixo:

Mencionaremos simplesmente algumas características próprias da amizade, que a diferenciam do amor, tais como: a não exclusividade, a ausência ou contingência dos desejos eróticos, a reciprocidade e a liberdade. Freud já apontava o caráter exclusivo da relação amorosa, teorizando como o casal apaixonado se afasta dos outros vínculos sociais. Embora os amigos possam sentir ciúmes e desejar um lugar privilegiado na escolha afetiva do parceiro amigo, a amizade não exige exclusividade. Na amizade não há desejos eróticos diretos como no amor e, quando acontecem, são contingentes e tangenciais. Enquanto o amor pode não ser correspondido, a amizade exige sempre alguma forma de reciprocidade, já que aponta para uma relação igualitária. As relações de amizade são livres e não são obrigatórias como os laços familiares. Embora a escolha amorosa seja também livre, gera mais compromissos e obrigações que a amizade. Além do

mais, a ruptura do laço amoroso é quase sempre sinônimo de perda e dor, diferentemente das relações de amizade, que muitas vezes se desfazem naturalmente sem qualquer ônus de sofrimento psíquico. (LEJARRAGA, 2010, p.86-7)

Para complementar, Brun (2007), também explica algumas características que encontramos na amizade e que a faz ser diferente das relações de amor.

A grande diferença entre o amor e a amizade, como escreve Michel Tournier, “é que não pode haver amizade sem reciprocidade.” Ele tem razão, pois não se pode ser amigo de alguém que se recusa a sê-lo. O amor, em compensação, nem sempre é pago na mesma moeda, e isso desde os primeiros anos de vida, desde que, na criança, nasce o sentimento amoroso dirigido à mãe, e isso desencadeia a decepção de não ser tudo para ela, (...) Sem dúvida, como sublinhou a marquesa de Sévigné, a grande amizade “nunca é tranqüila”, algo que pode ser comprovado nas desavenças com que, em geral, não contamos. Quando essas desavenças ocorrem, quase sempre têm efeito semelhante ao de um trovão em céu de brigadeiro. De todo modo, embora a amizade possa revelar-se tão precária quanto o amor, jamais é unilateral como este o é, algumas vezes. A presença do outro, de alguém que responda, do exterior, é obrigatória. (BRUN, 2007, p.311-3)

No capítulo seguinte, apresenta-se a fundamentação teórica, através de uma pesquisa dos autores compreendidos como relevantes de acordo com nosso objetivo e que, em psicanálise, discorreram sobre o tema da amizade.

Em Análise, destacamos algumas cenas dos filmes e, colocamos uma reflexão do significado trazido pelas animações, juntamente com uma investigação que buscou se as relações que os personagens desenvolvem ao longo da história têm aspectos e características semelhantes à compreensão de amizade vistos a partir da teoria psicanalítica.

Por fim, em Discussão, retoma-se o problema e os objetivos da pesquisa e indicamos um possível caminho ou compreensão sobre as relações dos personagens principais, relacionando-os sempre com a teoria que fundamentou o trabalho.

MÉTODO

Esta pesquisa buscou identificar os vínculos de amizade que ocorrem ao longo da trilogia Toy Story, e apresentou uma análise destes vínculos através do olhar psicanalítico. Para a escolha da psicanálise como embasamento teórico foi necessária uma pesquisa para sabermos se esta linha teórica já tinha produzido algo neste tema, uma vez que é muito comum ainda hoje ouvirmos que a psicanálise não se ocupa de estados que não sejam patológicos. Encontrou-se, com alguma surpresa, um número de artigos, monografias e teses considerado suficiente para o prosseguimento dessa pesquisa, não apenas na perspectiva da abordagem clínica – o que foi importante para investigar que esta pesquisa propunha.

Assim, um primeiro momento dessa pesquisa foi fazer uma pesquisa documental de trabalhos publicados por psicanalistas que estavam relacionados ao tema da amizade buscando investigar se as relações que os personagens desenvolvem ao longo da trilogia têm aspectos e características semelhantes à compreensão de amizade vistos a partir da perspectiva psicanalítica. A seguir, decompomos os filmes pertencentes a esta trilogia para extrair os principais momentos que acreditamos identificar temas relacionados.

Esta é uma pesquisa documental, que utilizou tipos de fonte documentais chamadas publicações científicas (artigos, monografias, teses) e obras fílmicas (filmes). A pesquisa documental pode ser melhor explicada na citação a seguir.

Destaca-se, neste trabalho, o uso da análise documental, que se refere à pesquisa documental, que utiliza, em sua essência: documentos que não sofreram tratamento analítico, ou seja, que não foram analisados ou sistematizados. O desafio a esta técnica de pesquisa é a capacidade que o pesquisador tem de selecionar, tratar e interpretar a informação, visando compreender a interação com sua fonte. Quando isso acontece há um incremento de detalhes à pesquisa e os dados coletados tornam-se mais significativos.

O documento a ser utilizado na pesquisa dependerá do objeto de estudo, do problema a que se busca uma resposta. Neste sentido, ao pesquisador cabe a tarefa de encontrar, selecionar e analisar os documentos que servirão de base aos seus estudos. (KRIPKA, SCHELLER e BONOTTO, 2015, p.243)

Sendo assim, foram selecionados alguns autores para esta pesquisa. Selecionou-se autores que foram de encontro com o problema de pesquisa investigado e estavam adequados à uma pesquisa voltada ao corpo teórico da psicanálise.

Para podermos compreender, a trilogia Toy Story foi analisada ora como um todo, ora exemplificando com algumas cenas mais específicas (que foram descritas ou mencionadas) onde existem aspectos dos vínculos que se buscou neste trabalho – vínculos de amizade. Para isso, foram assistidos aos três filmes Toy Story, na sua versão dublada, sendo que o primeiro filme foi lançado em 1995, tem duração de 1h21min, o segundo, em 1999, tem duração de 1h32min e o terceiro, de 2010, tem duração de 1h43min. Mais detalhes técnicos podem ser encontrados nas referências e nos anexos.

Apenas a título de curiosidade, embora está previsto um quarto filme Toy Story para 2019, este deverá tratar de uma situação nova (apesar de manter os mesmos brinquedos como personagens - e adicionar alguns novos) fazendo com que esta trilogia que aqui se torna objeto de pesquisa, encerre uma história completa, com início, meio e fim. (Tomé, 2019)

Toy Story 1, 2 e 3 são filmes lançados para o cinema e produzidos em computação gráfica - uma novidade tecnológica, sendo que Toy Story foi apenas o segundo filme da história a ser produzido assim - através de uma parceria entre os estúdios americanos Disney e Pixar. Apesar do risco da inovação, foi bem recebido nas críticas e na bilheteria, tendo seus três filmes entre as maiores bilheterias de todos os tempos. Um detalhe importante a ser esclarecido é que, embora foram assistidos aos filmes na sua versão dublada, na busca pelos diálogos transcritos, só foi possível localizá-los em inglês. No entanto, não foi encontrada nenhuma grande divergência de falas e sentido na tradução da dublagem.

De acordo com Triana (2010), para este trabalho foi entendido que existem dois pressupostos principais, sendo o primeiro que diz que as obras fílmicas são produtos culturais, um recorte determinado da realidade, sendo então narrativas construídas sobre o mundo e, como expressões artísticas, guardam íntima relação com a vida social, uma vez que dramatizam e divulgam aspectos e experiências da sociedade. O segundo pressuposto também entende que os filmes são obras que revelam e divulgam experiências e pontos de vista de como estar no mundo, e compreende que o cinema é um meio legítimo para o conhecimento e o questionamento social porque não é descolado do contexto sócio-cultural em que é produzido.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – COMPREENSÃO PSICANALÍTICA SOBRE A AMIZADE

Para podermos analisar uma história, antes precisamos de uma fundamentação teórica, que consiste em embasar, através das ideias de outros autores, os aspectos teóricos de sua pesquisa. De acordo com Mello “a fundamentação teórica apresentada deve servir de base para a análise e interpretação dos dados coletados na fase de elaboração do relatório final. Dessa forma, os dados apresentados devem ser interpretados à luz das teorias existentes”. (Mello, 2006, p. 86)

Neste primeiro capítulo abordaremos de maneira sucinta quais as concepções sobre a amizade que são vistas nas entrelinhas nas teorias de dois psicanalistas bastante relevantes - Freud e Winnicott. Na abordagem freudiana podemos ver – sabendo que essas concepções aparecem de maneira mais implícita do que explícita – que a amizade é vista sob uma noção de pulsão sexual inibida, enquanto que, na perspectiva winnicottiana, a amizade remete às noções de intimidade, espaço potencial, reconhecimento da alteridade e concernimento. Na perspectiva winnicottiana a amizade segue por um olhar mais positivo do que na teoria freudiana, que a concebe como amor inibido e prazer menor. (Lejarraga, 2010, p.85)

Mas, estaremos tentando analisar a amizade de uma maneira ultrapassada? Conforme afirmou Brun (2007), podemos seguir com nossa pesquisa, sabendo que:

Não é certo que as formas de amizade tenham mudado consideravelmente ao longo dos séculos, apesar da modernização dos meios de comunicação. Embora seja verdade que escrevemos menos, que nos encontramos mais facilmente e que, hoje, o envio de mensagens é muito rápido, a amizade responde, desde a aurora das civilizações, a uma necessidade essencial de encontro com o outro, renovada ao longo da existência. (BRUN, 2007, p.312)

1.1 Amizade em Freud

Embora Freud não analise especificamente a questão da amizade, ele a engloba, de maneira geral, nas suas abordagens das questões das origens dos vínculos sociais e das fraternidades. Para Freud, em “Totem e Tabu” (obra de 1913), a origem dos laços sociais ou fraternos decorre da renúncia pulsional e da instauração da lei. Para explicar isso, Freud, em seu livro, explica que a humanidade passa de um estado de barbárie controlado por uma figura de um pai tirânico, para

um estado de civilização, mas para isso acontecer houve uma espécie de um acordo: o assassinato do pai onipotente leva a todos à um pacto, onde proíbem-se de matarem uns aos outros e estabelecem o tabu do incesto, sendo que deste momento em diante, todos precisam respeitar igualmente à lei e elevar a figura do pai morto em totem. Todos os membros devem se submeter ao pacto civilizatório, estabelecendo assim, relações horizontais entre semelhantes. Ao mesmo tempo que o assassinato do pai intensifica os laços fraternos, ocorre o mesmo com as rivalidades, já que os irmãos agora precisam conviver com suas diferenças. Então, os irmãos precisam pagar o preço de renunciar as suas vontades pulsionais mais cruas através da elaboração da culpa pelo crime cometido com a construção de ideais que representem o pai morto. Sobre a figura do irmão, Freud salienta os ciúmes fraternos, uma vez que os irmãos passam a buscar exclusividade pelo amor da mãe, sendo então, a figura do irmão como a de um rival, um intruso no drama edípico e com quem se disputa o amor dos pais. Desta forma, o laço fraternal para Freud é marcado na sua origem pela culpa do parricídio, pela inveja da onipotência paterna e pela rivalidade – o sentimento de fraternidade, portanto, emerge como um efeito secundário de uma rivalidade original entre irmãos. Esses aspectos podem ser elaborados, mas nunca por completo, com a aceitação da lei e restrição pulsional. (Lejarraga, 2010, p.87-8)

Em “O Mal Estar na Civilização”, Freud (obra de 1930) explicou o trabalho do ser humano para domesticar seus impulsos selvagens e antissociais:

A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada ir tão fortemente contra a natureza original do homem” (FREUD, 1930, p. 134)

Em outro livro, “Psicologia do grupo e análise do ego” (obra de 1921), Freud analisa outros aspectos da relação entre semelhantes, explorando a raiz sexual dos laços sociais, sendo assim, ele contrapõe duas correntes da vida sexual – a primeira, seria a sensualidade ou o amor sexual direto, enquanto a segunda, que corresponde aos laços fraternos ou de amizade, seriam a ternura, ou o amor de alvo inibido. Em Freud, anos antes, ele fala sobre a ternura em outros textos (“Três Ensaios sobre a

Teoria da Sexualidade” obra de 1905, e “Psicologia das Massas e a Análise do Eu” obra de 1921) sendo que ele definira a ternura como um derivado do recalque da sexualidade e também, numa análise maior (em “Psicologia das Massas...”) definindo como pulsão sexual inibida quanto ao alvo. Portanto, para Freud, a amizade se inclui nessa categoria de amor inibido ou ternura: “A esta classe (pulsões sexuais de alvo inibido) pertencem, sobretudo, os vínculos de ternura – plenamente sexuais na sua origem – entre pais e filhos, os sentimentos da amizade e os laços afetivos no casamento – que procedem de uma inclinação sexual” (Freud, 1923/1988, p.253 apud Lejarraga, 2010, p.88).

Fazendo uma recapitulação, Lejarraga (2010), nos explica que a amizade, em Freud, se define como um amor inibido que teria em sua raiz uma rivalidade originária entre pares – e a inveja e a culpa como resíduo mítico. A noção de Freud de amizade, que entende que há inibição do alvo sexual originário, remete ao drama edípico e sua posterior interdição, e pressupõe a atenuação do prazer. A autora nos lembra que essa concepção entende a amizade como um rebaixamento do prazer do amor e Freud não inclui a amizade entre os caminhos que se pode ter na procura pela felicidade e mitigação da miséria humana. (Lejarraga, 2010, p.89)

Mas, para Gonçalves (2005), a metapsicologia psicanalítica freudiana destrinchou o erotismo em suas evoluções e involuções, a constituição do objeto do desejo e sua trajetória singular e, através dessa estrutura conceitual complexa, é possível termos uma compreensão do suporte energético pulsional do erotismo, de onde se erguem as relações de amizade. A autora faz duas observações que complementam as demais a respeito de Freud e fornecem um olhar menos negativo às conclusões entendidas nas entrelinhas freudianas sobre a amizade:

O amor genital vai se realizar na direção da necessidade de aglutinar pessoas, encontrando, na família, sua face mais espetacular. Ele vai se estender e se revelar, certamente, nas turmas e rodas de amigos que compomos. (GONÇALVES, 2005, p.161)

Para Freud (1930), a amizade é a porção não-genital do amor, que vai compor também o caráter. Esse vínculo amoroso, contudo, não sofre as exigências e limitações que a civilização impõe ao amor genital, tais como a exclusividade e a possessividade como pressupõe a genitalidade voluptuosa. Por permitir multiplicidade sem culpa, ao contrário do amor sexual, a amizade pressupõe empatia, condescendência e proximidade. Apesar da distinção que estabeleço, entendo que o amor fraternal expresso no rol de amizades está também sujeito ao poderoso

sistema de identificações e contraidentificações com objetos, que serão ou não incorporados de um modo igualmente complexo, tanto quanto as relações genitais. (GONÇALVES, 2005, p.164)

1.2 Amizade em Winnicott

Mais uma vez, se faz importante lembrar que embora Winnicott não aborde especificamente o tema da amizade, em seus escritos foi possível encontrar algumas pistas para reflexão desse fenômeno. Winnicott se refere à amizade em alguns momentos, entre eles:

[1]“Ver-se-á que atribuo grande importância a esse relacionamento (afinidade egoica), porque considero que ele é o substrato de que a amizade é feita” (WINNICOTT, 1958g/1990, p. 35 apud LEJARRAGA, 2010, p.90).

[2]“Tratava-se de uma declaração surpreendente, partida de um homem que é incapaz de brincar e que vem à análise por causa de uma incapacidade de manter suas amizades, de vez que só pode falar de maneira ponderável e não pode brincar” (WINNICOTT, 1954/1994, p. 25 apud LEJARRAGA, 2010, p.90).

[3]“A brincadeira fornece a organização para a iniciação de relações emocionais e assim propicia o desenvolvimento de contatos sociais” (WINNICOTT, 1964a/1982, p. 163 apud LEJARRAGA, 2010, p.90).

No texto “ A Capacidade para Estar Só” (1958), Winnicott desenvolve um conceito importante e que serve de base para falar sobre amizade - “afinidade egoica” ou “relacionamento com o ego”. Winnicott explica que é nas experiências iniciais do contato mãe-bebê que a criança desenvolve a capacidade de estar só; em seu texto, coloca que os impulsos instintivos do Id só fortalecem o Ego incipiente do bebê quando a mãe se adapta às necessidades emocionais do bebê, compensando a imaturidade desse com seu apoio egoico ou, de outra maneira, quando existe um “relacionamento com o ego”. Esta capacidade paradoxal faz com que o bebê confie na presença contínua da mãe (ou equivalente) e desta forma, com o tempo, pode renunciar da figura materna e desfrutar dos estados calmos mesmo estando só, vivendo momentos de não integração similares ao estado relaxado da vida adulta. E com a capacidade de estar só abre-se a possibilidade do indivíduo de descobrir uma vida pessoal própria, condição para que o contato com o semelhante se origine espontaneamente – com o amigo, por exemplo – como um movimento do si mesmo. (Lejarraga, 2010, p.91)

Ao longo de toda sua obra Winnicott vai analisar a comunicação afetiva e íntima mãe-bebê, sendo que em 1969 teoriza a noção da experiência de mutualidade,

que consiste em um início de comunicação silenciosa e íntima da mãe-bebê. Em especial, baseia-se na confiança do bebê no ambiente, correspondente ao holding materno. Essa comunicação mãe-bebê é predominantemente corporal, baseada no calor do seio, nos batimentos cardíacos, nos movimentos respiratórios, entre outros, e depende tanto da capacidade materna de se comunicar com o bebê, quanto do bebê que traz um potencial inato para o amadurecimento. Como a mão nunca é perfeita, ela comete pequenos erros e corrige cuidando do seu bebê, e esse ajuste de pequenas falhas e cuidados que é a base da comunicação permite ao bebê desenvolver a sensação de segurança e confiabilidade. A comunicação da mutualidade não envolve o uso das palavras, e sim da habilidade do bebê de brincar, ou seja, quando o bebê brinca que ele também alimenta a mãe. Desta forma, a mutualidade consiste numa forma de comunicação não verbal bilateral – dependendo das tendências inatas do bebê para o amadurecimento e também da capacidade da mãe de adaptar-se às suas necessidades, de “tornar real aquilo que o bebê está pronto para alcançar, descobrir, criar” (Winnicott, 1970b/1994, p. 198 apud Lejarraga, 2010, p.92).

A mutualidade constitui a forma mais primária de intimidade e a base de todas as formas posteriores de intimidade – nas relações amorosas, na situação analítica ou na amizade. A amizade se remete a uma forma de comunicação íntima e que não depende do uso das palavras, numa atmosfera de confiança. Mas para entender a capacidade de fazer amigos é preciso se referir ao estabelecimento do contato com a realidade externa, que implica num longo caminho que vai dos objetos subjetivos, de uma realidade concebida de maneira subjetiva, até a percepção objetiva da realidade externa, e que para o bebê poder começar a perceber uma realidade externa objetiva sem abrir mão da criatividade pessoal, ele precisa ter tido suficientes experiências de ilusão iniciais. Um contato repetido, prazeroso e criativo com a realidade faz, aos poucos, o bebê aceitar a existência autônoma dos objetos externos. Os objetos e fenômenos transicionais são os que representam essa passagem do indivíduo da pura subjetividade para a objetividade, também inaugurando as experiências da área intermediária. (Lejarraga, 2010, p.93)

Continuando na passagem do bebê para aceitar inteiramente a objetividade do mundo, ainda é necessário que o bebê realize mais uma conquista. Em 1969, Winnicott formula em “O uso de um objeto e relacionamento através de

identificações” que para que o bebê passe da “relação de objeto” para o “uso de um objeto” é necessário que ele perceba que a realidade não é sua projeção e que tem existência independente. Desta maneira, após ter criado onipotentemente o objeto e o mundo, o bebê passa a destruir subjetivamente (internamente, somente na sua fantasia) esse objeto que, ao sobreviver, passa a mostrar a sua autonomia e sua realidade. A sobrevivência do objeto diante da destruição potencial faz que ele tenha vida própria e durabilidade além da subjetividade do bebê. E o sujeito pode usar o objeto, porque este se tornou uma entidade autônoma, desta forma criando-se um mundo de realidade partilhada. Essa capacidade de usar objetos permite o reconhecimento do objeto ou do outro como diferente, possibilitando a descoberta do outro. A amizade exige essa conquista do processo de amadurecimento, uma vez que o laço amistoso se alimenta do reconhecimento da alteridade. (Lejarraga, 2010, p.94)

Sobre a questão da capacidade de ter amigos, Winnicott associa à capacidade de brincar, pois da mesma maneira como o brincar, a amizade acontece no espaço potencial, numa área de experimentação, em que o indivíduo pode descansar da manutenção de separar as realidades internas e externas e viver o paradoxo de não estar nem totalmente no mundo subjetivo, nem no objetivo, mas entre ambos. Para Winnicott, o espaço potencial é a área em que podemos repousar e desfrutar pois neste espaço nos permitimos ser espontâneos e experienciando o viver criativo. A confiança é a base para que a área intermediária seja experienciada, além do brincar criativo, do uso de símbolos e de toda a vida cultural. O brincar infantil é uma experiência criativa onde a criança usufrui e fortalece seu sentimento do si-mesmo, sendo assim, o indivíduo que sabe brincar sem ter precisado abdicar de sua criatividade para entrar em contato com o mundo também é capaz do encontro com o amigo sem abrir mão de seu gesto criativo e espontâneo. Num encontro amistoso, que tem lugar no espaço potencial, os amigos são criados e achados, encontrados na realidade externa e também criados subjetivamente, fazendo com que o amigo seja, paradoxalmente, um outro reconhecido como diferente e parte do mundo subjetivo. A liberdade e o brincar – que são indissociáveis – acontecem porque existe um desejo de fazê-lo, não uma obrigação, uma obediência ou uma ordem e, des mesma maneira, a amizade também é uma escolha livre e não submetida a nenhuma

exigência profissional ou social. Para Winnicott, o prazer do brincar é sinal de saúde psíquica. (Lejarraga, 2010, p.94-5) Winnicott também afirma:

O caráter gozoso, alegre, próprio do brincar infantil é, na realidade, uma característica de todas as experiências do espaço potencial; desde o uso de objetos transicionais até a experiência cultural. Assim, Winnicott refere-se à área intermediária, onde se desenvolve o brincar ou as experiências culturais, como um espaço onde nos “divertimos” (WINNICOTT, 1971q/1975, p. 147 apud LEJARRAGA, 2010, p.95).

Para complementar a afirmação de Winnicott acima, Lejarraga (2010) continua nos explicando que, da mesma forma que o brincar, a capacidade para a amizade seria também um sinal de saúde psíquica. Além disso, o encontro amistoso – característico da amizade – comporta uma dimensão de alegria e de prazer em se ter uma comunicação íntima com o outro e do intercâmbio afetivo com o semelhante e “diferente de mim”.

Dentro da perspectiva winnicottiana ainda existe outro conceito para ajudar no pensar da experiência da amizade – a capacidade de concernimento – que surge quando o bebê inicia a tarefa de integrar a sua vida instintiva, ou do estágio de dependência relativa. O bebê então, começa a se sentir responsável e preocupado pelos efeitos de sua impulsividade. Seguindo, o bebê, aos poucos, vai reconhecendo que a mãe-ambiente (dos estados calmos) e a mãe-objeto (dos estados excitados) são uma mesma pessoa, percebendo que a mãe que ele ataca também é a mesma que cuida. A mãe suficientemente boa é capaz de sobreviver aos impulsos agressivos do bebê e aceitar sua preocupação e reparação, estabelecendo um círculo benigno de destruir e reparar, de machucar e curar, com isso, a criança aprende a ter confiança no ambiente, que reafirma seu impulso espontâneo e reconhece seu gesto reparatório. Com inúmeras repetições desse círculo se desenvolve na criança a capacidade de concernimento, ou seja, de se importar e considerar o outro, de responsabilidade com os próprios atos, podendo então, integrar seus impulsos agressivos e vorazes e tolerando a ambivalência de sentir raiva e frustração com o objeto amado. (Lejarraga, 2010, p.96)

O concernimento, diz Winnicott (1963b/1990), pode ser considerado como base da família e também, num sentido mais amplo, do brincar e do trabalho construtivo. No vínculo de amizade, a capacidade de concernimento significa consideração e cuidado com o outro e, principalmente, preocupação e reparação dos possíveis danos provocados no amigo pela própria ambivalência. De alguma forma, o círculo benigno de machucar e reparar, de sentir raiva, atacar e cuidar, está sempre

se repetindo, de diversos modos, nos vínculos afetivos construtivos e duradouros. (LEJARRAGA, 2010, p.96)

Na perspectiva de Winnicott, a amizade estaria vinculada à intimidade, o reconhecimento da alteridade, o espaço potencial e ao concernimento. Desta forma, o laço de amizade consiste numa comunicação íntima e confiável, e da mesma forma que o brincar, desenvolve-se no espaço potencial, onde o sujeito pode usufruir de sua criatividade na relação com o outro. A capacidade de reconhecer a alteridade e de concernimento são necessárias para que o amigo vivencie a alegria do encontro com o outro diferente e para impedir que as frustrações e raivam impeçam e destruam o vínculo formado. (Lejarraga, 2010, p.97)

Casadore (2012) explica que Winnicott não era próximo à Ferenczi, mas herdou muitas considerações dele que direcionaram seu trabalho e produção científica e no que concerne à técnica com que conduzia seus atendimentos e que, de alguma forma, direcionavam suas hipóteses teóricas, aponta particularidades em comum:

Sua técnica psicanalítica sempre esteve em contradição com os padrões da International Psychoanalytical Association (IPA). Winnicott não respeitava nem a neutralidade nem a duração das sessões, e não hesitava, na linhagem da herança ferencziana, em manter relações de amizade calorosa com seus pacientes, reencontrando sempre a criança neles e em si mesmo. Via na transferência uma réplica do laço materno. Assim, oferecia a seus analisandos um “ambiente” especial (ROUDINESCO e PLON, 1998, p.785 apud CASADORE, 2012, p.112)

1.3 Comparação entre as duas concepções

Para Freud a amizade teria como fundamento a pulsão sexual, sendo que se parte do princípio que a relação mãe-bebê é essencialmente sexual. Na teoria freudiana, a função materna corresponderia – em Winnicott – apenas à função de mãe-objeto e desconsideraria a de mãe-ambiente, que é aquela que atende às necessidades emocionais do bebê e outros aspectos fundamentais da comunicação íntima mãe-bebê. Em Freud têm-se o modelo pulsional, que é considerado fundamento da vida psíquica, e dele deriva-se o fenômeno da fraternidade e da amizade, como uma possibilidade da pulsão sexual. Se o alvo sexual inibido da ternura pede necessariamente ao orgasmo genital, poderíamos supor que, na teoria freudiana, os indivíduos estariam sempre desejando inconscientemente ter relações genitais com seus amigos. A agressividade e a rivalidade estão na base das relações

fraternas em Freud, lembrando que o sentimento fraterno se origina a partir da rivalidade originária entre os irmãos, fruto da triangulação edípica e a agressividade continua sendo o pano de fundo das relações afetivas, uma vez que por trás de qualquer desejo erótico, direto ou inibido, temos a agressividade e o ódio derivados da pulsão de morte – com a reformulação da segunda tópica aqui – e se faz necessário o recalque da agressividade para que predomine o sentimento fraterno. Na teoria freudiana, reforçando, a agressividade ou rivalidade permanece na amizade, inconsciente ou recalcada e como a amizade é concebida como amor inibido, o prazer obtido seria sempre atenuado ou menor. (Lejarraga, 2010)

Para Winnicott, a base da amizade é a experiência de mutualidade, de intimidade. A experiência de mutualidade define por ser um tipo particular de comunicação afetiva e íntima, na qual os componentes instintivos desempenham um papel secundário. Em Winnicott, a amizade remete à intimidade, ao brincar, à criatividade, experiências que não se fundamentam na vida instintiva sexual e enfatiza que a criatividade não é sublimação, mas potencialidade inata e inerente à condição humana, e que a alegria do brincar não deriva da satisfação instintiva mas do usufruto da própria criatividade. (Lejarraga, 2010)

Nesse sentido, acompanhando o pensamento de Winnicott, Ricardo Rodulfo afirma que “a criança da sexualidade infantil – seja essencialmente autoerótica-polimorfa ou essencialmente edípica –, criada por Freud – uma criança cujo objetivo principal, se não único, é o prazer físico ou a posse exclusiva da mãe –, fica discretamente deslocada-substituída pela criança brincando, a criança do brincar, a criança que emerge e se constitui brincando” (RODULFO, 2008, p. 165 apud LEJARRAGA, 2010, p.97-8).

Acrescentando à citação, as atividades sexuais infantis são brincadeiras sexuais infantis que, quando não se integram ao brincar, se tornam patológicas. Em Winnicott, não se faz necessário recorrer à inibição da pulsão sexual para fazer surgir a amizade pois, em seu ponto de vista, a amizade não comporta um objetivo inconsciente e inibido e não procura uma finalidade nunca atingida, mas se realiza e se satisfaz por si mesma, no encontro, igualmente como o brincar que não tem um objetivo último além do próprio brincar. Sendo assim, a amizade e o brincar são “experiências não culminantes” que se satisfazem por saturação. Mesmo que possam existir diferentes graus de atração sexual na amizade, geralmente de pouca intensidade, isso não significa que ela tenha as pulsões sexuais como seu fundamento. Com relação à agressividade e sua relação com a amizade, em

Winnicott, ela é necessária para que o bebê possa criar a externalidade do objeto (destruição potencial do objeto, uma destruição sem raiva e sem ódio) e a agressividade instintiva, que leva à reparação, é fundamental para o desenvolvimento da capacidade de concernimento. Existe uma importância de estar sempre destruindo o outro para reconhecer sua autonomia e alteridade. Então, na abordagem winnicottiana, a agressividade instintiva não precisa ser recalcada para que se desenvolva a amizade, uma vez que o impulso agressivo leva a criança a fazer reparações e favorece o desenvolvimento da capacidade de concernimento. Desse modo, o impulso agressivo não é recalque de hostilidade que permeie a relação da amizade, mas quanto mais os impulsos instintivos espontâneos, agressivos e eróticos possam ser experienciados mais eles poderão ser integrados e fortalecer a capacidade de concernimento e deixando mais sólidos os laços afetivos. Como a amizade não remete a nenhuma inibição (contrariamente à Freud), mas constitui um afeto direto próprio, o prazer da amizade pode ser tão intenso quanto os erógenos. (Lejarraga, 2010, p.100) Winnicott coloca que:

“Na pessoa normal uma experiência altamente satisfatória como essa pode ser conseguida em um concerto ou no teatro ou em uma amizade que pode merecer um termo tal como orgasmo do ego, que dirige atenção ao clímax e à importância do clímax” (WINNICOTT, 1958g/1990, p. 36 apud LEJARRAGA, 2010, p.100).

Por fim, podemos ver diferenças nas noções e concepções de amizade que foram encontradas nas entrelinhas das teorias freudiana e winnicottiana. Em Freud a amizade seria compreendida negativamente, sendo uma forma de inibição, um objetivo que não se alcança, uma restrição pulsional, a diminuição do prazer. Enquanto para Winnicott a amizade é vista de maneira positiva, associada a capacidade de brincar, de estar só, de compartilhar a intimidade, de reconhecer a alteridade e de concernimento. A teoria winnicottiana possibilita abordar o problema da incapacidade para a amizade que, da mesma maneira como a incapacidade para o brincar, se inscreve na patologia do falso si-mesmo. (Lejarraga, 2010, p.101)

Os indivíduos incapazes de ter amigos são os indivíduos empobrecidos no sentimento do si-mesmo; são aqueles que se adaptaram à realidade externa em detrimento do gesto criativo e espontâneo, e vivem as relações entre pares de uma forma adaptativa e sem autenticidade. Assim, são incapazes de desfrutar da alteridade e de sentir a alegria da comunicação íntima com o outro diferente. A questão da amizade inclui-se no campo das experiências do espaço potencial e, portanto, no campo das experiências que fazem com que a vida seja digna de ser

vivida. Conceber a amizade positivamente é uma via para valorizar um tipo de laço afetivo que tende a ser considerado, teoricamente, como secundário quando, a nosso ver, constitui uma experiência privilegiada para fortalecer o sentimento do si-mesmo e para enriquecer o valor da vida. Além do mais, a amizade desempenha papel fundamental em vários momentos do processo de amadurecimento – como, por exemplo, na adolescência –, constituindo uma espécie de bálsamo ante as perdas e os sofrimentos e, também, uma indiscutível fonte de alegria. (LEJARRAGA, 2010, p.101).

1.4 Melanie Klein e Joan Riviere também se dedicaram ao tema

Melanie Klein junto de uma grande companheira, Joan Riviere, escreveram um estudo sucinto sobre a amizade e, da mesma maneira como Freud, compreenderam-no sob o espectro da sexualidade. Formularam um entendimento baseado em Freud, no qual a parte sexual é sublimada e os afetos de dependência busca de proteção, amor, afinidade e de admiração dirigidos aos amigos são intensificados, além disso, para o vínculo de amizade também seriam transportadas as características relacionais com a figura materna. Os afetos negativos como os ódios, os ciúmes, a voracidade, os desagrados e os ressentimentos primitivos também seriam dirigidos aos amigos quanto mais significativas as dificuldades em estabelecer as identificações favoráveis que estão no alicerce de nossa personalidade e de reparar os danos provocados pelas introjeções malévolas. Se Para Freud as ameaças externas foram mais destacadas em sua análise da cultura, para Klein existe um destaque para os internos. Klein afirmou mais de uma vez que nenhum agente externo poderia impor maior medo do que os agentes internos do psiquismo – e seriam os perigos internos do psiquismo que deveriam ser combatidos (Lejarraga, 2010, p.165). Para Klein e Riviere são melhor explicadas na palavra da autora:

No âmbito das amizades, poder-se-ia, contudo, exercitar as tendências repositivas e reconstrutivas, assim como a capacidade de dar e de receber em uma condição de maturidade, conferida pelo ingresso na posição depressiva. Nessas circunstâncias, o sadismo já não seria mais dominante. Essa atmosfera emocional favorável constitui solo exitoso sobre o qual se erigem amizades sólidas afastadas das manobras perturbadoras de possessividade, busca de compensação por insegurança, idealização desmedida e passional, exigências insanas e outros afetos violentos. Se a culpabilidade for excessiva, a potência para fazer amigos, a vida sexual, as tendências sublimatórias e todo o restante da vida psíquica sofrerão distorções e impedimentos consideráveis. A capacidade para relacionar-se, conforme as autoras, será possibilitada pela natureza e extensão da ansiedade desde que mitigadas as tendências agressivas. (LEJARRAGA, 2010, p.165-6).

Por fim, Lejarraga (2010) nos explica que Klein e Riviere entendem que conflitos infantis não resolvidos estão na origem das rupturas de continuidade e repetição das amizades, levando à solidão e ao desgosto, e foram afirmativas ao considerarem a influência do infantil, do que não foi devidamente reprimido nas primeiras constituições, como perturbador nas relações amistosas:

Quando o passado não exerce pressão demasiado intensa sobre a situação atual, somos mais capazes tanto de escolher corretamente os amigos como de nos satisfazer com aquilo que eles têm para oferecer. (KLEIN, M. e RIVIERE, J., 2002, p.143, LEJARRAGA, 2010, p.165-6)

1.5 Compreensões complementares e contemporâneas sobre a amizade na psicanálise

A autora Brun (2007), nos lembra que, desde os primeiros anos de vida, somos frustrados no sentimento amoroso que sentimos pelas nossas mães, afinal, o bebê passará pela experiência de perceber que não é tudo para ela, afinal, suas mães também se interessam por outras coisas. O bebê é desencorajado e decepcionado na sua demanda de amor exclusivo depois de terem sido despertados para o amor pelos cuidados, olhares e beijos maternos. Desta maneira, na criança, a amizade nasce como contraponto ao amor não correspondido da mãe, que é experimentado muito cedo. Sendo assim, a amizade se constrói consciente e inconscientemente sobre a marca desse amor perdido da mãe nos primeiros anos da infância, mas o reconhecimento dessa origem não é feito com facilidade na vida posterior. A autora também afirma que as relações de amizade não ocorrem nos bebês menores, que não falam e andam, e que ainda não conhecem o compartilhar de emoções e ideias. Seguindo, a importância dos laços de amor com os familiares (pais e irmãos) é central uma vida, porque dão à amizade sua razão de ser e sua força, apesar de serem tão marcados que, muitas vezes, rompe-se uma amizade buscando-se inconscientemente a fidelidade às escolhas objetais originais. Mas diferentemente desses laços, a amizade é buscada de modo bastante consciente “a fim de escapar dessa marca inaugural ou transformá-la em seu contrário. Ela sempre começa como um sopro de vida.” (Brun, 2007, p.313)

Encontramos na amizade a possibilidade de uma autonomia do pensamento, da fala, de uma construção que só pode se realizar fora da família, mesmo que seja nesta ou em comparação com esta que sua representação adquira sentido. Nesse contexto, não deveríamos nos surpreender, ao ver os laços tanto de amor quanto de amizade retornarem ao palco da cena analítica sob o efeito da transferência. Quando

Freud, no começo de sua prática, sugeria que seus pacientes não se engajassem em novos relacionamentos no decorrer da análise, sabia bem que novos relacionamentos tomariam muita energia e atenção, prejudicando a reedição dos primeiros laços afetivos na transferência. Ele, na verdade, visava apenas as ligações amorosas acompanhadas de relações sexuais. Não encontramos em seus textos nenhum tipo de alerta quanto à amizade, apesar de esta exigir grande investimento libidinal. (BRUN, 2007, p.313)

Especialmente na fase da adolescência, os pais se ressentem de algumas amizades de seus filhos, entendem como um sinal de abandono ou desaprovação de si mesmos, entendendo que seus princípios educativos e sua autoridade estão desqualificados, tendo a impressão de que o adolescente se entrega sem reservas a muitas transgressões escolares, sociais ou sexuais por causa de uma amizade e por isso, colocando nela a razão para procurarem por um analista. Na adolescência, o agravamento desses comportamentos que, as vezes, beira o exagero, ressalta como as relações de amor e de amizade refletem questões de imagem de si e identificação. Os pais se perguntam então “Como, por que, em nome de que um amigo ou amiga consegue exercer influência muito mais importante que a deles, sobretudo nos casos em que é nefasta?”

De todas as peças de Shakespeare, Otelo é, para mim, o paradigma dos efeitos da confiança e da influência exercida pela amizade em detrimento do amor, ou ainda o paradigma da importância da fala de um amigo, quando a imagem de si não é suficientemente sólida. Por que, em Otelo, a importância da fala de Desdêmona, a amante, pesa menos do que a de Iago, indubitavelmente um traidor ambicioso e ciumento? Iago não tem dificuldade em estimular o ciúme amoroso de Otelo, como se ele estivesse antecipadamente convencido de não merecer o amor, nem a fidelidade de Desdêmona. Na peça, o grande manipulador que é Iago apóia-se, precisamente, na honestidade que, em geral, define a amizade, para mascarar suas intenções desonestas. De certa maneira, o poder que exerce se deve ao desconhecimento, sempre partilhado, da ambivalência dos sentimentos, mesmo os amistosos, já que, por trás de tudo isso, o temor arcaico relacionado à precariedade do laço de exclusividade ressurgiu com força renovada. (...) Nessa história, jamais se realçou o papel essencial da amizade, o que é curioso. Sempre se enfatizou o ciúme mórbido que leva Otelo a cometer o crime, apesar de ele conceder mais apreço e credibilidade às palavras proferidas por Iago do que às de Desdêmona. Assim, pouco a pouco, ele deixa Iago persuadi-lo de que ela o traía, convencendo-o da suposta ofensa feita à sua honra. Ora, Desdêmona é a única que, à diferença dos homens à sua volta, parece saber o que é a amizade, sem deixar que esta obstaculize o amor. Ela diz isto a Cássio, a quem garante sua amizade, enquanto se prepara para pleitear o perdão do marido: “Estejas certo de que, quando faço um voto de amizade, cumpro-o até os mínimos detalhes.” Otelo, instigado por Iago e em nome de sua amizade, verá nesse projeto amical a prova da infidelidade amorosa de sua mulher. Por fim, e para não dedicar demasiado espaço à rememoração dessa história, importa lembrar

que Desdêmona, contrariamente a cada um dos quatro homens que cruzam seu caminho, é habitada pela certeza interior da solidez de seu amor, assim como de sua amizade. (BRUN, 2007, p.313)

Brun (2007), continua com sua análise, nos colocando que, para além do aspecto ligado à intriga típico das tragédias, será que devemos também ver nesses comportamentos uma consequência inerente ao futuro da vida psíquica no menino e da menina – ou seja, do laço arcaico relacionado ao primeiro objeto de amor que é a mãe? Nos é lembrado que, em Freud, a menina se refugia no Édipo como em um porto, ou seja, renuncia ao seu objeto de amor que é a mãe para escolher o pai, o que, a partir da adolescência, a faz arriscar-se em escolher outros homens. Para Freud, a vida sexual da menina é mais complicada do que a do menino, pois a feminilidade exige que a menina mude de objeto sexual e zona erógena – estamos falando da passagem da mãe para o pai que se faz acompanhar de uma mudança de zona erógena, onde a excitação vaginal substitui a do clitóris. O menino pode alimentar a ilusão de manter, durante toda a vida, o traço do amor por sua mãe sob a condição de que a genealogia de sua escolha não lhe seja lembrada, como enfatizou Freud em “Totem e tabu” (obra de 1912).

Não há lugar melhor do que as tragédias para encontrar semelhante intensidade dos laços mantidos pelas heroínas com suas servas ou discípulas. Esses íntimos laços de amizade entre mulheres se inscrevem nos desdobramentos das relações precoces entre mães e filhas, ocorridas em um período em que a autoridade da mãe ainda não se fazia sentir. É possível que a nostalgia dessa época perdida não seja estranha, durante a adolescência, à escolha de uma amizade que desagradará aos pais. Serva ou discípula, esse é, em resumo, o papel desempenhado pelas amigas cuja influência é considerada nefasta pelos pais. (BRUN, 2007, p.316)

Por fim, a saída da adolescência parece implicar numa renúncia a um ideal de onipotência experimentado como inacessível, sendo assim, aquele amigo próximo que algumas vezes substitui a imagem identificatória poderá ser abandonado, pois deixa de corresponder ao lugar e ao papel que lhe eram implicitamente confiados. Outro aspecto a ser destacado é sobre os frequentes contatos físicos presentes na amizade – sendo que o esporte, mais comum entre os meninos, e a troca de roupas entre as meninas – mostrando, com essas aproximações, uma vivência de trocas das quais o corpo é o território, em que são lidas a marca do sexual e do apego na amizade. As primeiras ligações vividas continuam a nos acompanhar como traços inconscientes, porém ativos, e guiam nossas escolhas de amigos desde a infância.

A amizade exige a saída do meio familiar, sendo assim, têm marcas das ligações originais. Os efeitos – diversificados – dessas primeiras relações decepcionantes permanecem perceptíveis como provam as emoções contrastantes provocadas pelas relações de amor e amizade. Nessas relações, as sensações corporais têm lugar tão importante quanto os afetos que elas desenvolvem. Para a autora Brun, (2007):

Admitindo-se que a união dos corpos caracteriza o amor e que a amizade quase sempre se acompanha de aproximações físicas, isso permite pensar que tanto os namorados quanto os amigos encontram satisfação sexual em seus relacionamentos. Essa satisfação, por mais diferente que seja nos dois casos, assenta-se nas premissas da sexualidade infantil e nas teorias sobre o nascimento e os objetos de amor de cada um dos pais. Eis o que forma o esboço de uma “gramática amorosa”, na qual se inscrevem as imagens identificatórias, cuja sintaxe se revela na sucessão das amizades. Estas, à diferença das relações amorosas, que podem não sê-lo, sempre são partilhadas e recíprocas até o momento em que terminam. (BRUN, 2007, p.318)

Como bem questiona Gonçalves (2005), será que na clínica estamos atentos a como se tecem essas desventuras? Com que aparato conceitual contamos para pensar o que se implica aí? Segue a autora:

Como analista, tenho, me interrogado, também por que algumas pessoas mostram-se tão inapetentes para fazer amigos. A aventura analítica poderia torná-los menos estereis e promover o desenvolvimento de relacionamentos amistosos mais ricos? Teria potencialidade para alterar o curso das modalidades relacionais adictivas, quando os amigos seriam tratados como objetos inanimados, verdadeiros alimentos a serem devorados e consumidos insaciavelmente? (GONÇALVES, 2005, p.158)

A amizade exige reciprocidade, e essa é a exigência que permite situar a demanda de amizade endereçada ao psicanalista no tratamento como uma resistência à transferência. O lugar da amizade na análise é um paradoxo, porque pode-se buscar por um analista seguindo o conselho de um amigo, ou buscar no amigo um conselho, uma interpretação e uma reciprocidade não propiciados pelo analista – sendo assim, a amizade no tratamento, incluindo aquela demandada ao psicanalista, implica que um exterior ao setting seja levado em conta, pois a amizade é uma exigência da vida psíquica. (Brun, 2007, p.319)

Na análise, a busca de amizade jamais é desprovida de sentido. Como na infância, ela se associa à busca da garantia de um terceiro com quem partilhar os tormentos, a solidão ou as decepções amorosas; com quem, paralelamente, inventar um novo estilo, um novo mundo; com quem, por fim, confrontar-se com pais e

mestres, que são, entre outras influências ocasionais da existência, aquelas agrupadas sob a rubrica de personagens do destino. (BRUN, 2007, p.319)

Para Corso (2016), a amizade, um encontro empático e uma escuta profissional envolvem diferentes níveis de compreensão, mas que não implicam em uma escala de falas mais ou menos profundas. Em suas palavras, os amigos de verdade são sensíveis para perceber quando estamos perturbados, mas conseguem não cobrar respostas e esperar o tempo para que voltemos a falar. Os amigos são aqueles que conseguem ser capazes de nos perdoar quando estamos sem condições de dizer os motivos de um estado de espírito sombrio. Aquele que não suporta a falta de explicação para a dor não consegue bancar nosso sofrimento, quer apenas tirar nossa tristeza do caminho e vangloriar-se pela presença salvadora. Para a psicanalista, amar alguém é conviver com a própria impotência para fazê-lo feliz. Isso vale para todo tipo de vínculo: fraterno, erótico, familiar. A autora também afirma:

Um terapeuta ou analista não substitui o amigo. Vamos em busca de uma escuta profissional quando estamos desconfiando de que há alguma coisa mal contada naquilo que traz infelicidade. Será que estou fazendo/entendendo algo errado? Também quando admitimos a necessidade de dar sentido a dores que parecem de tamanho errado ou fora de lugar. Já a orelha amiga está simplesmente a postos para acolher o frio na alma e ninguém gosta de cobertores tagarelas. Profissionais até podem cumprir essa função, em momentos de profundo desamparo do paciente, mas para os amigos a capacidade de caminhar em silêncio ao nosso lado é um atributo essencial. (CORSO, 2016)

Amizade e análise, amigo e analista e suas diferenças e semelhanças de fato são um tema ambíguo, mas sensível, e a psicanálise, que se debruça sobre aquilo que é humano como um todo têm algo a dizer sobre isso.

Sister e Souza (2012) nos explicam que, nos escritos do Heitor O'Dwyer de Macedo – psicanalista brasileiro implicado com a formação e transmissão da psicanálise – existe em seus escritos um lugar especial para o tema da amizade, pois ele diz que “esta é o operador do pensamento por excelência, não havendo diferença entre a ética da psicanálise e a ética da amizade.” Sousa (2011), em sua resenha sobre o livro de Macedo chamado “Cartas a uma jovem psicanalista”, expande e nos conta mais sobre o pensamento deste psicanalista acerca da amizade, na qual ele afirma que a ética essencial à psicanálise é a ética da amizade:

Para Heitor o encontro analítico com os pacientes, com colegas e supervisores são todos de uma mesma tessitura. O vínculo que se estabelece e sobre qual se desen-rola qualquer pensar ou processo analítico que mereça esse nome é o da amizade e da alegria. Na carta “A transferência e a amizade” o autor fia-se em Winnicott para dizer que “Está tudo dito: a matriz da amizade é a mesma da transferência, e essa matriz é uma relação que permite experimentar a solidão como um lugar que é bom estar” (p. 139). Durante o tratamento, o trabalho de análise funcionaria como um objeto transicional, espaço que reúne e separa o par analítico, e a amizade, como um operador do pensamento quando o encontro entre os dois protagonistas se ocupar da invenção da vida a partir do reconhecimento das produções do inconsciente. A intuição e o entendimento decorrentes desse processo viriam acompanhados de um afeto de uma qualidade particular: a alegria. (SOUSA, 2011, p.2)

Para Milan (2018a), que se propôs a pensar no tema, o amigo está próximo do analista, pois deseja escutar, e propondo uma escuta o amigo ousava falar, se ouvia e encontrava uma saída. Ela afirma também:

A ideia de tempo perdido só faz sentido quando se trata do trabalho, que é regido pela ideia mercantilista do *time is money*.

Na amizade, ninguém perde tempo quando se ocupa do outro. Assim, no Clarão, Ana diz que ela, com seu amigo, só ganhou tempo. A amizade é indissociável da gratuidade e não pode ser confundida com a cumplicidade. Os amigos podem ter interesses comuns, mas estes não estão acima da amizade. Já a relação entre os cúmplices depende inteiramente da satisfação dos interesses.

A experiência da amizade não está ao alcance de todos. Para vivê-la, é preciso respeitar certa ética, que é uma tradição na cultura francesa e não é na cultura brasileira.

A melhor frase sobre a amizade, na minha opinião, é a de Montaigne. Quando lhe perguntaram por que La Boétie e ele eram tão amigos, a resposta foi: Porque era ele e porque era eu.

Noutras palavras, a razão da amizade, como a do amor, é um mistério. (MILAN, 2018b)

Neste capítulo investigamos o que se compreende sobre amizade através do corpo teórico da psicanálise. Apesar de não buscarmos diretamente nos textos de Freud e Winnicott (dentre outros), alguns autores nos ajudaram, tendo previamente feito uma busca por esse tema na obra extensa desses psicanalistas de extrema importância, por isso, foram os autores selecionados para compor esta pesquisa. No capítulo seguinte apresentaremos uma análise dos filmes com base no que pesquisamos aqui.

ANÁLISE

Os três filmes da trilogia Toy Story nos colocaram diante de diversos temas que falam sobre todos nós. Foi especialmente marcante dar-se conta quantas vezes os personagens passam por situações onde precisam se deparar com seus medos - onde há mudanças e conseqüentemente rompimentos - e em especial com o inevitável, que é a chegada da vida adulta de seus donos e o esquecimento, abandono, substituição e obsolescência que isso provavelmente trará. Nem só de dificuldades viveram os brinquedos, eles também ganharam novos amigos e reforçaram seus vínculos com os antigos. Antes mesmo de Andy chegar na adolescência, eles já passaram por muitas aventuras e desafios - em especial Woody - que precisa enfrentar seus maiores medos quando vê a chegada de Buzz, ou quando vai parar em lugares perigosos (como a casa de Sid), ou distantes de seu dono (quando é roubado por Al).

Nesta sessão do trabalho, apresentamos uma análise da trilogia Toy Story com base no que aprendemos com a fundamentação teórica psicanalítica apresentada anteriormente. Aqui, relacionou-se cenas da trilogia de filmes com a teoria, sempre retomando os objetivos deste estudo e a pergunta que queríamos investigar e, por fim, terminando em um posicionamento perante eles com a nova compreensão que esta pesquisa levou-nos.

2.1 A chegada do estrangeiro

No primeiro filme da trilogia, o conflito que se instala é a chegada de um novo brinquedo - Buzz Lightyear - um intruso que coloca em risco a liderança e preferência de todos por Woody. Buzz é um brinquedo que acaba de ser lançado e vem cheio de funções, cores, luzes e sons; é um protótipo de um astronauta, ou patrulheiro espacial (como ele mesmo diz), características estas que fazem Woody ficar bastante enciumado.

Conforme podemos ver no início do filme, está ocorrendo a festa de aniversário do Andy (garoto – aqui com cerca de 10 anos de idade - dono dos brinquedos) no andar de baixo da própria casa onde vivem. Os brinquedos do quarto do menino têm toda uma estratégia minuciosamente pensada para transmitirem a informação entre eles sobre quem será o próximo brinquedo aberto por Andy. Buzz foi o último brinquedo a ser aberto no aniversário, e chegou justamente quando

Woody e os demais já pensavam que nenhum outro brinquedo seria ganho, nem poderia ameaçar seus lugares e status perante Andy.

Woody tem que enfrentar seu maior medo - medo de ser substituído. A chegada de Buzz no quarto de Andy (seu novo lar, a partir de agora) é tudo o que Woody temia. Buzz logo prende a atenção de todos os demais brinquedos que querem ver de perto quem ele é e que ficam surpresos com todas as suas funções. Woody vê, em pouco tempo, o quarto de Andy ganhar novos ares - tudo muda e passa a ter estampado a cara de Buzz e seu universo intergaláctico. Andy até chega a dormir abraçado com Buzz - lugar que sempre fora de Woody.

Buzz, de início, não sabe que é um brinquedo. Apesar de desconhecer a realidade (fase pela qual todos os demais já passaram), Buzz torna-se companheiro de todos, que passam a direcionar o papel de protagonismo a ele. Woody até tenta - em sua fúria causada pelo ciúme que sente - falar para Buzz que tudo nele é de mentira, mas Buzz não acredita, nem os outros brinquedos ligam.

2.1.1 Análise das cenas

A descrição apenas de uma situação inicial nos deu base para pensarmos muitas questões já vistas neste estudo. Foi possível entender que a chegada de Buzz desloca Woody de uma posição de preferência, deixando de ser o protagonista da atenção de Andy. Woody sempre fora o brinquedo preferido de Andy, sendo que o quarto do garoto era todo decorado com o tema do cowboy Woody. Buzz é um brinquedo novo e “sem querer” rouba o espaço e a atenção que antes era de Woody, sem fazer qualquer esforço para isso, apenas acontece, de um dia para o outro. Andy desloca sua atenção toda para a chegada do Buzz, que pode ser compreendido aqui mais do que a chegada de um estrangeiro, mas a de um semelhante, a de um irmão, sua chegada faz as com que as questões da fratria sejam revistas.

A chegada do irmão é a chegada do “estrangeiro”, daquele que, com sua presença, perturba o equilíbrio constituído. Com ele é introduzida a noção de mudança, a de paridade. Klein (1981) traz uma contribuição interessante para o estudo da relação fraterna: a noção de justiça, de lei. A partir do nascimento do segundo filho, terão início partilhas, negociações, julgamentos. O filho mais velho necessitará reorganizar seu espaço e sua maneira de pensar levando em conta a existência do mais novo. A fratria desloca o primogênito do lugar único e privilegiado que este, até então, ocupava na relação com seus pais. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2011, p.295)

Freud nos lembra da formação da fraternidade, - ao mesmo tempo que o assassinato do pai intensifica os laços fraternos, ocorre o mesmo com as rivalidades, já que os irmãos agora precisam conviver com suas diferenças. Para Lejarraga (2010), sobre a figura do irmão, Freud salienta os ciúmes fraternos, uma vez que os irmãos passam a buscar exclusividade pelo amor da mãe, sendo então, a figura do irmão como a de um rival, um intruso no drama edípico e com quem se disputa o amor dos pais. Desta forma, o laço fraternal para Freud é marcado na sua origem pela culpa do parricídio, pela inveja da onipotência paterna e pela rivalidade – o sentimento de fraternidade, portanto, emerge como um efeito secundário de uma rivalidade original entre irmãos.

E para Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), a inveja e os ciúmes são a base afetiva da formação da fraternidade em Freud. Esses sentimentos nunca são totalmente eliminados. A renúncia coletiva ao lugar de pleno poder, que era antes ocupado pelo pai, envolve esses sentimentos de inveja e ciúmes e a necessidade de controlar a rivalidade fraterna permite o renascimento do senso e da exigência de justiça.

A relação entre os irmãos na primeira infância vai ser marcada pela disputa do amor e da atenção dos pais, assim como pelo desenvolvimento da própria personalidade, através da diferenciação com os irmãos (CARTER & MCGOLDRICK, 2001 apud GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2011, p.297).

As autoras Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), já nos lembraram que o tema das relações fraternas nos ajudam a pensar sobre a amizade, uma vez que o complexo fraterno é de fundamental importância na estruturação da vida psíquica individual e social do sujeito, e a dinâmica vincular surgida entre irmãos é passível de vir a determinar o destino de suas vidas e de seus descendentes. O fraterno inclui fraternidade, que é entendida como uma trama horizontal entre pares, sendo que esses têm semelhanças e diferenças, - da mesma maneira como pudemos observar na trilogia. E a questão do fraterno pode ser entendida em um sentido que excede o vínculo entre irmãos, o que nos permite pensar na situação dos personagens.

Os irmãos convivem intimamente por um período razoavelmente longo e possuem uma necessidade e um desejo comuns, a saber, o amor preferencial dos pais. Essa condição transforma-os em um grupo com grande potencial na criação de desafetos, podendo vir a transformá-los até mesmo em adversários. A dinâmica familiar poderá levar os irmãos a uma competição saudável e equilibrada na busca de satisfazer sua necessidade emocional ou, ao contrário, promover animosidade e a criação de inimigos. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2011, p.300)

Até este momento entendemos que, na trilogia Toy Story, existe uma rivalidade inicial. A chegada de Buzz deslocou Woody de uma posição muito semelhante à do primogênito mas, ao longo dos filmes, ambos precisam cooperar para solucionar os problemas que surgem e com isso criam um vínculo amistoso – por conta dessa dinâmica bastante semelhante à chegada de um segundo filho em casa, pudemos entendê-los inicialmente como irmãos, sabendo que a fraternidade antecede ao sentimento amizade, objetivo de análise desta pesquisa.

WOODY
Listen, Lightsnack, you stay away
from Andy. He's mine, and no one
is taking him away from me.

(Trecho ilustrativo retirado do roteiro do filme Toy Story 1)

2.2 Disputa, inveja, ciúmes e rivalidade originária em cena

Continuando a situação descrita na primeira análise, tomando proveito da ingenuidade de Buzz, Woody consegue fazer com que este caia da janela do quarto de Andy e que pareça um acidente, inicialmente. Mas, uma testemunha - o carrinho de controle remoto - avisa os demais brinquedos que foi Woody quem planejou a queda, fazendo com que todos questionassem e se revoltassem contra essa atitude.

Buzz, ao ver o carro da família partindo, e Andy levando Woody no passeio, consegue sair da árvore onde caiu e se segurar no carro, encontrando Woody na primeira parada de carro da família (um posto de gasolina). A rivalidade presente neste encontro torna-se clara e declarada com a briga entre os dois. Woody e Buzz, por conta da briga que têm, caem do carro e veem Andy partir, mas como Woody sabia o destino do passeio - o restaurante Pizza Planet - consegue dar um jeito de pegar uma carona num carro de um entregador de pizza e encontra uma maneira de levar Buzz junto, afinal, pensa que não pode "aparecer lá [no quarto de Andy] sem o Buzz".

2.2.1 Análise das cenas

Woody tenta se livrar de Buzz, e com isso, voltar a posição inicial de preferido. A revolta e a resistência de Woody nos deram espaço para refletir o quanto difícil foi esse novo ajustamento das posições de status, porém, um ajustamento necessário.

Ao colocar o filho mais velho na situação de 'apenas mais um, um entre outros', a fratria possibilita sua introdução na rede de relações sociais: "Cada um de nós nutre a fantasia de ser alguém único, de ser o único a contar para os outros e no mundo. Abandonar essa idéia é difícil, mas necessário para viver entre os outros,

com toda a sua vulnerabilidade” (RUFFO, 2003, p. 46 apud GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2011, p.295-6).

Além de saudáveis, as disputas são importantes, pois ensinam a administrar os sentimentos relativos a perdas e ganhos, apontam limitações e modos de tentar superá-las, mostram as questões em que têm maior facilidade e a forma de valorizá-las, promovem alianças, ensinam a dividir, compartilhar, solidarizar-se e a postergar (BRITTO, 2002 apud GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2011, p.300).

Para Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), as disputas fraternais são comuns na maioria das famílias apesar da diferença de valores, estilo ou filosofia de vida entre elas. Essas disputas costumam ter caráter mais lúdico do que agressivo, tendo a finalidade de conquistar e preservar um espaço dentro do grupo, garantir uma individualidade, buscar o atendimento satisfatório de interesses e necessidades e ocasionalmente desfrutar das vantagens do poder. Os irmãos desempenham, portanto, um importante papel na constituição do sujeito, que ultrapassa a disputa pelo amor parental. O ciúme também tem importância na construção da personalidade porque permite que cada um dos irmãos consiga se definir melhor através da percepção das diferenças e semelhanças entre si. A cada novo membro que chega à fratria o sentimento de rivalidade é reavivado, modificando a distribuição dos papéis. A chegada de um terceiro filho desloca o segundo de seu lugar de caçula, ao mesmo tempo em que faz o mais velho reviver o deslocamento sofrido na chegada do segundo, uma vez que seus pais estarão novamente menos disponíveis para ele. Os sentimentos de ciúmes não poupam nenhum dos irmãos – o mais velho lamenta a atenção dada ao menor, e o caçula pode ter ciúmes das relações e conquistas do mais velho, que são anteriores ao seu nascimento e que ele usufrui devido à idade, o filho do meio pode questionar o fato de ter sempre um que manda e um que é mimado – para as autoras, a fratria é o lugar da competição, pois enquanto os menores querem igualar e superar os mais velhos, os mais velhos querem conservar sua superioridade.

Em Toy Story descrevemos a cena na qual Woody, enciumado, consegue planejar uma jogada na qual, por uma sucessão de acontecimentos, Buzz é derrubado “acidentalmente” para fora da janela. Como estamos falando de brinquedos não há muito perigo, apesar de ter sido uma queda que poderia ter quebrado seriamente Buzz. Woody indiretamente empurra Buzz, se livrando dele momentaneamente. O sucesso da armação não dura porque a cena foi testemunhada, e todos os outros brinquedos repudiam o ato de Woody. Woody quer

Buzz fora de sua vida porque este tomou o seu lugar de predileção, Buzz é o irmão rival - voltamos a lembrar a questão da rivalidade como fundante:

Em relação à figura do irmão, Freud enfatiza os ciúmes fraternos pelo amor da mãe, frente à qual os irmãos disputam a exclusividade. A figura do irmão é sempre a de um rival, um intruso no drama edípico, com quem é necessário compartilhar o amor dos pais (Freud, 1917/1988). O sentimento de fraternidade, assim, só pode emergir como efeito secundário, a partir de uma rivalidade originária entre irmãos. Deste modo, vemos que o laço fraternal, na visão freudiana, está marcado, na sua origem, pela culpa do parricídio, pela inveja da onipotência paterna e pela rivalidade, aspectos que podem ser elaborados, mas nunca por completo, com a aceitação da lei e a restrição pulsional. (LEJARRAGA, 2010, p.88).

Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), afirmam que disputas diárias não são sinônimo de rivalidade – sendo a rivalidade algo muito mais sério.

As disputas diárias entre os irmãos nada têm a ver, entretanto, com a rivalidade que possa surgir entre eles. Na rivalidade fraterna, as brigas transformam-se em batalhas, possuem um objetivo diverso e são consideradas disputas patológicas. Quando os elementos inveja, ciúme e competição se estabelecem como um padrão fixo de relacionamento do grupo, podem se transformar em poderosos instrumentos mobilizadores de uma guerra interminável, a rivalidade fraterna (Britto, 2002). A Bíblia (1962), enquanto transcrição de mitos e lendas, transmitidos oralmente através das gerações, nos fornece uma série de relatos ilustrativos a respeito. O mais famoso dentre eles é o que nos conta a história de Caim e Abel (Gen. 4, 1-16). Através desse relato, ficamos sabendo que o primeiro homicídio ocorrido na Terra se deu entre dois irmãos, causado pela inveja, pelo ciúme e pela competição. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2011)

Apesar de inicialmente odiar Buzz por ter-lhe roubado seu lugar de favorito, podemos começar a perceber que Woody precisa remanejar seu lugar perante Andy e os demais brinquedos. Woody precisa se reinventar, mesmo que ele não saiba disso. Woody ainda despreza Buzz e Buzz pouco presta atenção nas palavras de Woody – ambos não se entendem e estão a serviço de seus objetivos individuais. Mas algo muda com a descoberta de que foi Woody quem jogou Buzz pela janela, ele precisa buscar Buzz para reparar seus feitos e voltar a ter um lugar no grupo. De alguma forma, Buzz provoca uma mudança em Woody, confirmando que a chegada de Buzz provoca muito mais que uma disputa pelo amor de Andy, mas têm importância na construção da personalidade de Woody, fazendo com que ele pense nas suas qualidades e defeitos, através da própria comparação que faz com Buzz.

MR. POTATO HEAD
I mean Humpty Dumpty was pushed...
(pointing at Woody)
...by Woody.

TOYS

WHAT?!?

The toys turn to Woody who suddenly realizes how this looks.

WOODY

Wait a minute. You -- you don't think I meant to knock Buzz out the window, do you Potato Head?

(...)

BUZZ

My fault?! If you hadn't pushed me out of the window in the first place --

WOODY

Oh, yeah? Well, if YOU hadn't shown up in your stupid little cardboard spaceship and taken away everything that was important to me -

(Trecho ilustrativo retirado do roteiro do filme Toy Story 1)

2.3 Funções fraternas e identificações horizontais – outras possibilidades para além da rivalidade

Mais para frente, ainda no primeiro filme, Woody e Buzz vão parar na casa de Sid, garoto vizinho de Andy que tem prazer em torturar brinquedos – como os próprios dizem. Na casa de Sid, Buzz vê um comercial de TV anunciando o Buzz Lightyear e constata que é apenas um brinquedo. Após descobrir, Buzz passa por momentos onde aparenta estar inconsolável, e Woody - que ainda planeja voltar para o quarto de Andy com Buzz, e com isso restaurar sua imagem e status - tem que motivá-lo a agir.

Da janela da casa de Sid, Woody consegue contato com os demais, mas como Buzz não o acompanha, os brinquedos não querem mais saber de Woody e abaixam a cortina, cortando a comunicação.

Alguns momentos depois, Woody e Buzz ficam presos no quarto de Sid, esperando que o garoto lhes faça o pior, Woody declara algumas qualidades de Buzz, dizendo que ele é um brinquedo legal e que todos queriam ter as qualidades que ele tem e em seguida se pergunta "porque o Andy iria querer brincar comigo, se tem você?" Neste momento, Buzz vê a sola de seu pé e lá está escrito Andy. Em seguida, Buzz ajuda Woody a sair da caixa onde estava preso. Buzz ainda se encontra atado a um foguete que Sid colocou e pretende explodir na primeira oportunidade que tiver.

No segundo filme o conflito inicial apresentado é o rasgo acidental do braço de Woody. Numa de suas brincadeiras, Andy sem querer rasga parte do braço de Woody e com isso, prefere deixá-lo em casa ao invés de levá-lo ao acampamento cowboy. Woody é colocado na prateleira - local dos brinquedos pouco usados - o que o deixa ainda mais triste. Na prateleira, Woody encontra um outro brinquedo, Wheezy, um pinguim, já deixado de lado faz um tempo e ambos conversam. A mãe de Andy faz uma feira de usados na frente da casa e, ao entrar no quarto de Andy, pega Wheezy para vender na sua feira. Woody, comovido com a situação do brinquedo, vai resgatá-lo, mas escorrega, cai no chão e um colecionador de brinquedos fica atônito quando o vê - e o rouba. Os brinquedos veem tudo da janela do quarto de Andy e ficam perplexos. Buzz ainda tenta salvá-lo, mas não consegue segurar-se no carro do ladrão.

Na casa de Andy, os brinquedos identificam pela TV quem roubou Woody e onde ele trabalha e, sob a liderança de Buzz, traçam um plano de resgate. Buzz diz que Woody já arriscou a própria vida para salvá-lo e não pode se considerar amigo dele se não fizer a mesma coisa.

Em ambos os filmes as situações têm um desfecho satisfatório para os brinquedos e para Andy, mas resolvemos focar nos conflitos que se colocaram e como foram enfrentados pelos personagens ao invés de contarmos a resolução, que possivelmente o leitor desta pesquisa já conhece.

2.3.1. Análise das cenas

Aprendemos com Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), que as identificações horizontais são produzidas através das experiências compartilhadas entre irmãos, e são secundárias às identificações verticais representadas pelos ideais das figuras parentais. As identificações horizontais são essenciais por fornecerem possibilidades de modelos diversificados dos destinos pulsionais necessários para a vida. Naquilo que as identificações verticais não permitem, as identificações e circulações horizontais permitem atualizar e modificar a linguagem para expressar demandas emergentes, além disso, é nela onde vão ser produzidas ou confessadas as transgressões praticadas, não necessariamente contra a lei, mas contra autoridades disciplinares.

Estamos designando como circulação horizontal o tipo de vínculo social em que a transmissão de saber e de experiência se dá preferencialmente entre semelhantes, no caso em questão, entre os irmãos. (KEHL, 2000 apud GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.303)

(...)

O vínculo fraterno, por situar-se na mesma geração, é próximo, igual e simétrico ou dissimétrico (devido à diferença sexual), ao invés de assimétrico, como o vínculo paterno-filial. Essa simetria ou dissimetria permite uma maior liberdade de seus membros, facilitando suas relações. A dominação de um irmão sobre o outro, se houver, é negociável e pode se inverter. Ela não é pressuposta, não define o vínculo, ao contrário do que ocorre na relação pai-filho. (EIGUER, 2001 apud GOLDSMID E FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.303)

(...)

Entre irmãos, a transmissão ocorre por escolha, uma vez que o que os filhos dificilmente aceitam de seus pais – o peso da lei, por exemplo – podem aceitar de seus pares, irmãos, primos e amigos. Em companhia uns dos outros, os irmãos vão poder aprender as coisas da vida e do mundo, adquirir elementos de linguagem, escutar histórias familiares, elaborar a angústia, desenvolver a criatividade através de jogos e brincadeiras, explorar domínios desconhecidos, entre os quais a sexualidade. A utilização do lúdico em sua interação facilita a transmissão, a herança, e atenua o efeito da coação. (EIGUER, 2001 apud GOLDSMID E FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.303)

Nas situações descritas vemos como um brinquedo se comove com a situação do outro – o que acontece várias vezes ao longo da trilogia. Fizemos um recorte de algumas situações para poder ilustrar a relação de horizontalidade e identificações entre semelhantes que nos foram explicadas. Woody se compadece de Buzz e tenta salvá-lo de Sid. O contrário também acontece. Mais tarde, Woody tenta salvar Wheezy, e mesmo sendo o preferido de Andy, ele se comove com o esquecimento pelo qual o brinquedo está passando, afinal, um medo de todos que estão na mesma condição – de brinquedos, de semelhantes, de uma fratria, uma irmandade. Woody se coloca numa situação muito perigosa e é roubado por um colecionador e todos os demais brinquedos sofrem, indo ao seu regate. Um se coloca no lugar do outro, são empáticos pela condição alheia, se identificam, se formam e se constituem através um do outro.

Os modelos vinculares decorrentes da relação fraterna, tais como ambivalência, rivalidade, sentimentos amorosos, necessidade de reparar, impulso de domínio, sujeição ao irmão e outros, tendem a se repetir ao longo da vida nos vínculos com outros pares. Em geral, os irmãos têm um conhecimento recíproco, consciente, e também em grande parte inconsciente, do funcionamento psíquico uns dos outros, por terem vivenciado juntos sentimentos e conflitos, ao longo do tempo na intimidade da vida familiar. Em cada irmão, perdurará uma “memória” desses acontecimentos familiares. Mesmo que, ao crescer, cada um dos irmãos siga um caminho diferente, a experiência da intimidade compartilhada deixará sua “marca” no inconsciente de cada um deles. O conhecimento da intimidade do outro irmão continuará sendo um legado e um ponto de referência para a própria identidade. (GOLDSMID E FÉRES-CARNEIRO, 2007, p.305)

Goldsmid e Féres-Carneiro (2011), afirmaram que na literatura, na vida social e na clínica são mais encontrados exemplos de competição, rivalidade, inimizade

entre irmãos do que exemplos de amizade e solidariedade. Desta forma, as autoras pensam que vínculo de amizade representa a qualidade do fraterno - enquanto semelhante - e os amigos são aqueles para os quais os valores da fraternidade são deslocados, uma vez que eles são os “irmãos escolhidos” e colocam que “a amizade é uma relação de irmandade eleita”. (Kancyper, 2004 apud Goldsmid e Féres-Carneiro, 2011).

Losso (2001) define a função fraterna como sendo de ajuda recíproca, de colaboração, de assistência em um nível de igualdade, de defesa dos direitos das gerações e de provisão de modelos de identificação entre os irmãos, que, por pertencerem à mesma geração, funcionam como modelos de identificação diferentes do dos pais. A relação entre os irmãos dá-se em um contexto em que, através do jogo, torna-se possível elaborar a angústia e desenvolver a criatividade. Além do ensinar e aprender recíprocos, permite também a descarga moderada de agressividade. A possibilidade de exercer essas funções, com o conseqüente desenvolvimento de representações vinculares conscientes e inconscientes, implica em facilitar o estabelecimento de relações “suficientemente boas” com os pares na vida adulta. Para que os irmãos possam construir um vínculo “suficientemente bom”, é preciso haver uma complementaridade em seus papéis, além da relação de intimidade e certa coincidência em seus valores pessoais. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2017, p.302).

Estamos falando de uma trilogia de animação. Os brinquedos não têm irmãos – nem poderiam falar, viver – mas uma vez que assim o fazem nos filmes, podemos entendê-los como humanos. A forma como Woody e Buzz se conhecem, típica do aumento da fratria, da chegada do segundo filho na casa se articula bem com a teoria, conforme vimos. Se existem características da fraternidade, só poderiam fazê-lo sendo irmãos? Poderiam também ter um sentimento de amizade?

A função fraterna não é exclusiva dos irmãos. Um pai, por exemplo, pode estar exercendo a função fraterna com seu filho ao jogarem uma partida de xadrez, uma vez que ambos estarão em situação de paridade nesse momento. Do mesmo modo, primos e amigos podem estabelecer modelos intersubjetivos com características de vínculo fraterno, exercendo uma função fraterna. Essas situações assumem uma importância maior no caso de filhos únicos. (GOLDSMID e FÉRES-CARNEIRO, 2017, p.304).

Para Goldsmid e Féres-Carneiro (2007), existem, ainda, poucos trabalhos sobre a amizade e a solidariedade entre irmãos. Ser irmão é ter a mesma genealogia, a mesma herança em um sentido amplo, mesma família, pais, pertencer a mesma geração, e com metade das chances de ser do mesmo sexo. A literatura sobre este tema trata a chegada do segundo filho como o surgimento de um estranho que invade e transtorna a harmonia familiar. Na Bíblia, primeiro livro impresso, existem vários exemplos de relatos que ilustram o antagonismo fraterno. Os irmãos são muito

importantes uns para os outros na construção de suas personalidades e, através da percepção das suas semelhanças e diferenças cada um vai se percebendo enquanto sujeito. A família permite a experiência básica do viver em grupo, e os irmãos, além de despertarem inveja e ciúmes, também são objetos de amor e podem se constituir importantes objetos de identificação se as figuras parentais forem deficitárias. Em caso da falta dos pais, podem servir de rede de apoio uns para os outros – como em casos de adoção, onde se dá preferência para que os irmãos não sejam separados. O vínculo fraterno se dá na continuidade do tempo. A vida dentro da fratria ainda permite a cada um experimentar a socialização antes de vivenciá-la com outro estranho, lembrando que a fratria também precisa de regras e lei para evitar o livre arbítrio irresponsável e o domínio das pulsões. Ainda encontra-se com maior facilidade, na clínica e na vida social, mais exemplos de competição, rivalidade e inimizade entre irmãos do que exemplos de amizade e solidariedade, e o companheirismo fraterno, quando acontece, é elogiado, indicando que o comum seria o oposto. Os valores da fraternidade são frequentemente deslocados para os amigos, “os irmãos escolhidos”.

BUZZ

No, Woody, for the first time I am
thinking clearly.
(looking at himself)
You were right all along. I'm not
a Space Ranger. I'm just a toy. A
stupid little insignificant toy.

WOODY

Whoa, hey -- wait a minute. Being
a toy is a lot better than being a
Space Ranger.

BUZZ

Yeah, right.

WOODY

No, it is. Look, over in that
house is a kid who thinks you are
the greatest, and it's not because
you're a Space Ranger, pal, it's
because you're a TOY! You are HIS
toy.

BUZZ

But why would Andy want me?

WOODY

Why would Andy want you?! Look at
you! You're a Buzz Lightyear. Any
other toy would give up his moving
parts just to be you. You've got

wings, you glow in the dark, you talk, your helmet does that -- that whoosh thing -- you are a COOL toy. Woody pauses and looks at himself.

WOODY

(continued; depressed)

As a matter of fact you're too cool. I mean -- I mean what chance does a toy like me have against a Buzz Lightyear action figure? All I can do is...

Woody pulls his own pull-string.

WOODY (VOICE BOX)

There's a snake in my boots!

Woody bows his head.

WOODY

Why would Andy ever want to play with me, when he's got you? (pause)

I'm the one that should be strapped to that rocket.

(Trecho ilustrativo retirado do roteiro do filme Toy Story 1)

2.4 Espaço Pontencial, um conceito que merece nossa atenção

A autora Lejarraga (2010) explica sobre um conceito bastante importante para Winnicott: o espaço potencial. Winnicott entende que a capacidade de ter amigos está associada a capacidade de brincar e, a amizade acontece no mesmo espaço do brincar – no espaço potencial. Este espaço é bem detalhado na explicação da própria autora:

Esse espaço é uma área de experimentação, em que o indivíduo pode descansar da árdua tarefa de manter as realidades interna e externa separadas, vivendo o paradoxo de não estar totalmente no mundo subjetivo nem no objetivo, mas “entre” ambos. Winnicott considera que o espaço potencial é a área em que podemos repousar e desfrutar, já que é o espaço em que nos permitimos ser espontâneos, experienciando o viver criativo. A confiança é a base para poder experienciar a área intermediária; o brincar criativo, o uso de símbolos e toda a vida cultural. Winnicott ressalta que o espaço transicional é extremamente variável de indivíduo para indivíduo, se comparado à realidade psíquica interna e ao mundo da realidade compartilhada, já que depende das experiências de vida de cada indivíduo, que têm uma variabilidade infinita, e não de tendências herdadas. O brincar infantil – desde seus primórdios até o brincar compartilhado – é uma experiência criativa em que a criança usufrui e fortalece seu sentimento do si-mesmo. Da mesma forma, o indivíduo que não precisou abdicar de sua criatividade para entrar em contato com o mundo, que sabe brincar, também é capaz do encontro com o amigo sem abrir mão de seu gesto criativo e espontâneo. No encontro amistoso, que tem lugar no espaço potencial, ambos os amigos são, ao mesmo tempo, criados e achados, encontrados na realidade externa e também criados subjetivamente. O amigo é, paradoxalmente,

um outro reconhecido como diferente e parte do mundo subjetivo. (LEJARRAGA, 2010, p.94)

Para complementar, o brincar acontece quando há liberdade, quando se deseja brincar – existe uma relação indissociável entre o brincar e a liberdade - o brincar não deve ser concebido como obrigação, obediência ou ordem. A amizade também acontece numa escolha livre, fora de exigências profissionais ou sociais. (Rodulfo, 2008, p.66 apud Lejarraga, 2010, p.95). O encontro amistoso envolve também a alegria, o prazer da comunicação íntima com o outro, da troca de afetos com aquele que é semelhante e diferente de mim e, portanto, um sinal de saúde psíquica. (Lejarraga, 2010, p.95)

Durante a trilogia Toy Story vemos Andy brincar com Woody, Buzz e os demais brinquedos num espaço potencial – essa interpretação é feita baseada nas características que acabamos de destacar acima: um espaço com liberdade, onde brinca-se porque escolheu-se brincar, não existe imposição da mãe (ou de ninguém mais) para que Andy brinque, o menino brinca porque quer, porque tem vontade, porque gosta. Andy é espontâneo e criativo, como podemos ver em diversos momentos, ele cria roteiros e histórias na hora do brincar, recitando as falas que imagina e criando cenários no próprio quarto para brincar com as histórias que fantasia em sua cabeça. Essa, aliás, é a primeira cena do primeiro filme da trilogia.

A brincadeira permite um extravasar dos sentimentos, auxilia na reflexão sobre a situação, criando várias alternativas de conduta para o desfecho mais satisfatório ao seu desejo. O ato de brincar favorece o entendimento de certos princípios de vida, como o de colaboração, divisão, liderança, obediência às regras, competição e acima de tudo, lealdade. E é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto se encontram na sua própria liberdade de criação. Tudo isto pode ser visto e vivido na Trilogia de Toy Story, mas acrescido pelo fator tempo que acaba levando até um brinquedo (ou será nós mesmos) a envelhecer – e é o efeito do tempo que se impõe e se faz presente. (MUSSI, 2010, p.2)

Por entendermos que Toy Story se passa neste espaço potencial tal como conceituado por Winnicott em sua teoria, existe uma possibilidade de desenvolvimento da amizade. Safra (1999), cita que Winnicott postula a existência de um espaço potencial entre o bebê e sua mãe – esse conceito contrasta com o mundo interno e com a realidade externa. Esse espaço é a terceira área da experiência humana, na qual acontecem o brincar, as vivências culturais uma área fruto da superação da situação de ilusão, fundante do self do bebê. Sendo um espaço de vivências

culturais, e do encontro com a alteridade, o campo estaria fértil para o surgimento da(s) amizade(s). Toy Story é uma história que mostra especificamente este lugar.

Uma observação sobre esses espaços do brincar pode ser acrescentada em Silva (2013), ao pensarmos no porquê a casa de Andy tem as qualidades necessárias para o surgimento da amizade, mas que nem todo lugar é assim.

A creche, inicialmente considerada um paraíso por parte dos brinquedos de Andy, logo depois tem sua face infernal revelada por força da rotina de abusos, maus tratos e opressão imposta de um lado por Lotso e sua gangue, de outro pelas crianças mais novas que também frequentam o local.

Até porque em contraposição à casa de Andy, Sunnyside não se configura como próximo ao que se concebe como lugar antropológico, na conformação que Augé (1994) dá a este termo. Despersonalizada, transitória por meio da rotatividade e efemeridade da presença infantil, não impulsionadora de referências e lembranças pessoais (lembramo-nos dos amigos de escola, muito dificilmente dos amigos de creche), desprovida de grande carga de maiores apelo histórico, a creche tem sua parcela de não-lugar.

Enquanto há vida plena na casa de Andy, e por isso nela há a marca subjetiva própria aos lugares de pertencimento, na creche ocorre fenômeno análogo aos dos lugares de passagem, fluxo e fugacidade referenciados por Augé.

Sunnyside não é um grande aeroporto, gare, boulevard, ou shopping center. Entretanto, a solidão e a transitoriedade pontuam o dia a dia na creche. Tanto que a alegria do brincar, plena na casa de Andy, anula-se ao soar o toque que assinala intervalo, lanche ou saída dos pequenos deste não-lugar que é a creche. (SILVA, 2013, p.114)

ANDY'S BEDROOM

A row of moving boxes lie on the floor of the room. They are drawn up in crayon to look like a miniature Western town. The bedroom is lined with cloud wallpaper giving the impression of sky.

One of the boxes has a children's illustrated "WANTED" poster of a Mr. Potato Head taped to it.

A MR. POTATO HEAD DOLL is set in front of the poster. The VOICE OVER of ANDY, can be heard acting out all the voices of the scene.

ANDY (AS POTATO HEAD)
Alright everyone, this is a stick-up! Don't anybody move! Now empty that safe!

A GROUP OF TOYS have been crowded together in front of the "BANK" box.

Andy's hand lowers a CERAMIC PIGGY BANK in front of Mr. Potato Head and shakes out a pile of coins to the floor. Mr. Potato Head kisses the coins.

ANDY (AS POTATO HEAD)
Ooh! Money. Money. Money.
(kissing noises)

(...)

ANDY (AS WOODY)
I'm here to stop you, One-Eyed Bart.

Andy's hand pulls out one of Mr. Potato Head's eyes.

(...)

ANDY (AS WOODY)
You're goin' to jail, Bart.

Andy picks up Mr. Potato Head and places him in a baby crib
in the room.

A cardboard sign is taped to the bars with the word "JAIL"
written in crayon.

ANDY (AS WOODY)
Say good-bye to the wife and tatertots.

(Trecho ilustrativo retirado do roteiro do filme Toy Story 1)

2.5 Uma amizade surge?

Especialmente neste tópico foi particularmente difícil escolher uma cena para exemplificar. Optou-se por colocar as cenas de encerramento da trilogia, que mostram como estão os vínculos e afetos dos personagens, após longo caminho percorrido. Quem conhece a trilogia poderá acompanhar com mais facilidade as cenas e situações que se destacaram abaixo e pensar em como foi o percurso dos personagens até o final.

No terceiro e último filme da trilogia, o conflito já está instalado deste o início para todos os brinquedos: Andy cresceu, está com 17 anos e vai para a faculdade na semana seguinte. A mãe de Andy pede para que ele tire os brinquedos que já não usa mais e doe para uma creche, já que ele sairá de casa para morar na faculdade. Os brinquedos estão num baú faz muito tempo, e já não são mais usados. Mas Andy decide levar Woody para a faculdade e deixar os demais no sótão de casa.

No final da trilogia, (dando um salto para o desfecho do filme, onde estão cenas que quisemos comentar) quando os brinquedos já passaram por muitas situações e foram parar num lixão, ainda que diante da destruição iminente, os brinquedos se dão as mãos e encaram juntos o possível fim. Mas, os três brinquedos aliens, que também são de Andy, usam a garra do lixão e tiram todos do local perigoso, salvando-os.

Ao usarem um caminhão de lixo como carona, os brinquedos voltam para a casa de Andy, ainda a tempo de verem seu dono antes dele partir para a faculdade.

Mas, Woody decide tentar um destino diferente para todos. Junta-se aos demais brinquedos numa caixa e faz com que Andy doe todos para Bonnie, a garotinha que conhecera por acaso anteriormente. E assim acontece. Andy doa todos - até Woody - para Bonnie, mas não sem antes apresentar a ela quem são cada um de seus brinquedos e como brincar com eles.

2.5.1 Análise das cenas

Oliveira (2017), explicou-nos que o tema “irmãos” voltou a ser regatado por psicanalistas muitos anos depois de Freud, e nesta nova reflexão desdobrou-se questões inauguradas pelo criador da psicanálise, atentando-se para a relação com o outro como possibilidade de ser e, portanto, inerente ao processo de humanização. Para pensar a função fraterna foi necessário lembrar a noção de fratria – comunidades marcadas por igualdade e fraternidade – e que tem uma condição essencial para a coexistência dos membros e para a permanência do grupo: a semelhança na diferença. (Kehl, 2000, p. 32 apud Oliveira, 2017, p.30). A autora retoma o mito em Freud e afirma que a possibilidade de elaboração da culpa pelo assassinato do pai só é possível por que o ato é coletivo. Um amparo grupal é fundamental para acrescentar significado ao ato, ou seja, lhe atribuir sentido. Por isso, existe um contraponto ao tema da fraternidade em Freud, que foi marcado pela rivalidade, ao colocar o irmão como uma figura que vai auxiliar na relativização e contestação da ordem vertical dada pela autoridade do pai. A função fraterna repensada como tal, proporciona o espaço propício para a experiência da singularidade e, mediante cumplicidade, autoriza a transgressão e o enfraquecimento da verdade absoluta que existia na figura do pai ou outras figuras reais. A fratria responde além do barrar, interditar, coibir, mas permite o espaço do dizer sim, do desejar, para o movimento da vontade do existir humano, permite a abertura ao novo e o desapego ao conhecido fazem expandir a capacidade humana em direção ao inédito, rompendo o ciclo de repetições.

Antes de seguir, não podemos esquecer de pensar o que aprendemos sobre a rivalidade, já que em Freud, anterior ao bem-estar da civilização, estão justamente os impulsos agressivos humanos. Oliveira (2017), retoma Winnicott e nos lembra que este psicanalista inglês apresentou contribuições importantes, especialmente no seu conceito de “concernimento” – “concern” se refere “ao fato do indivíduo se importar, ou valorizar, e tanto sentir como aceitar responsabilidade”. (Winnicott, 1963/1983, p.70 apud Oliveira, 2017, p.35) Nesta pesquisa separamos uma parte

para a explicação dos conceitos winnicottianos que implicam capacidades que são desenvolvidas no sentido do indivíduo sair de si em direção ao outro, lembrando que esta capacidade não é alcançada de maneira autossuficiente, mas depende de uma interação com um ambiente suficientemente bom – e claro, da relação mãe-bebê que está incluída neste ambiente. Winnicott oferece um contraponto decisivo em relação à Freud, porque entende que a agressividade é desintegradora apenas em ambientes que não conseguem lidar com suas expressões e não oferecem oportunidades de reparação, culminando na perda da capacidade de se importar e valorizar o outro. Freud pensava a agressividade como disruptiva, estando permanentemente na contramão de tentativas integradoras entre os humanos.

Um passo além da agressividade, da rivalidade, da disputa, da inveja, dos ciúmes, e também do companheirismo, da cumplicidade e da solidariedade, existe um tema controverso, mas de extrema importância para caminharmos na nossa linha de pesquisa, no nosso entendimento e articulação: o humor. E Toy Story é uma trilogia recheada de humor.

Para Oliveira (2017), o humor além de transgredir a moralidade de seu tempo, mobiliza movimentos afetivos de todas as ordens, revelando um potencial integrador de múltiplas tendências e identificações humanas. O humor, enquanto forma de sociabilidade alternativa, permite um resgate de outras formas de partilhamento que deem vazão aos aspectos agressivos da constituição humana.

O humor vem em contramão aos códigos sociais pró-recalcamento, seu caráter transgressivo, mas que também permite um compartilhamento, já que no humor existe uma autorização do outro dessas transgressões (Kupermann, 2003, p.150 apud Oliveira, 2017, p.38). A autora segue: “Esse aspecto está em total sintonia com os resultados da reflexão sobre a função fraterna aqui proposta, em que o outro possibilita a transgressão da lei arbitrária em nome de uma legislação mais simpática às peculiaridades humanas.” (Oliveira, 2017, p.38)

O compartilhamento de afetos prazerosos compõe uma identidade grupal que permite espaços para experiências de uma prática lúdica que preserva as manifestações do erotismo singular.

O entusiasmo, somado à ideia de concernimento em Winnicott, remete a uma alegria prazenteira que leva em consideração a importância e a valorização do outro, intrínsecos à manutenção da amizade; o entusiasmo sentido junto à alteridade inspira, assim, as possíveis versões de si em um espaço transicional. Dar vazão a si e preservar o espaço alheio pode ser, contudo, um malabarismo difícil de equilibrar. Para lidar com esse engodo causado pelas exigências pulsionais e por aquelas da

civilização, o autor resgata junto a Freud a metáfora dos porcos-espinhos de Schopenhauer, em que estes, para se manterem aquecidos nos dias de inverno sem se machucarem uns aos outros com espinhos, “descobriram uma distância intermediária, na qual podiam mais toleravelmente coexistir” [Freud citado por Kupermann].

É esse o poder transformador dos encontros possíveis que dão margem para a apropriação de si e para a invenção de um destino possível. Kupermann (2003) aposta em uma reerotização do mundo, em “uma sociabilidade na qual as singularidades não sejam necessariamente empobrecidas e desertizadas” (p. 187). A condição humana é sustentada por Eros, o que implica necessariamente o compartilhar – é esse o poder emancipatório, criador e mesmo curativo das relações humanas que aqui enaltece sob o signo da amizade.

É preciso que haja um Nós, visto que o Eu é insuficiente – ele só ganha/constrói sentido no coletivo. Não é possível rir sozinho, o outro é inerente à completude do ciclo de prazer, visto que a predominância da fase autoerótica foi há muito abandonada. O ciclo de prazer só se completa quando o sujeito se abre ao outro. Como conviver com entusiasmo, sem se anular e sem anular o outro? Os porcos espinhos parecem apontar para arranjos corpóreos e psíquicos bons o suficiente. (KUPERMANN, 2003, p. 167 apud OLIVEIRA, 2017, p.38-9).

Oliveira (2017) nos explica que, nas relações horizontais, por terem um caráter transgressivo, a fluidez, a circulação de papéis faz com que o sujeito não esteja numa única função. Desta maneira, o humorista seria aquele que se identifica até certo ponto com a figura do pai ao mesmo tempo que se arranja criativamente com a realidade tal como na ilusão do brincar infantil. Nesta libertação de si de qualquer autoridade a priori que o encontro com o outro pode dar vazão ao seu poder de transformação. Por fim, a autora reflete abaixo:

A ação posterior do recalque parece turvar, nesse sentido, essa experiência fundante de expansão do sujeito no encontro com o objeto. Apostamos que é a esse anseio que corresponde o surgimento da psicanálise e a função do amigo que aqui privilegiamos: a livre expressão de Eros, sentido último da experiência humana significativa. A partir das reflexões propostas, passando por religião, ciência, idealização, ilusão, mal-estar, transcendência, agressividade, amor, fraternidade e humor, poderíamos pensar que a cura em psicanálise aponta para uma *capacidade para a amizade?* (OLIVEIRA, 2017, p.40)

Ao longo desta pesquisa afirmou-se que, na trilogia Toy Story, antes do laço de afetuoso existiu uma rivalidade, mas que essa se transforma ao longo da história. Também afirmamos que a chegada de Buzz desloca Woody de uma posição de preferência e, ao longo dos filmes, ambos precisam cooperar para solucionar os problemas que surgem e com isso criam um vínculo. Ao longo de toda a análise que fizemos dos três filmes estamos analisando que vínculo seria esse.

Recapitulando a evolução dos personagens, especialmente de Woody e Buzz, primeiramente, entendemos que os brinquedos participam de uma fratria e que a

chegada de um novo (Buzz) assemelha-se bastante à chegada do novo filho, destronando o primogênito Woody de seu lugar de predileção.

Num segundo momento, com base nas teorias e reflexões de pós-freudianos, na fratria existe espaço para um sentimento além da agressividade, da rivalidade, dos ciúmes e da inveja, que de fato fazem parte deste cenário e sempre farão. Como sabemos, Woody passa por momentos de reflexão e, especialmente numa cena tocante, se comove com a situação de Buzz. Ambos têm um diálogo muito comovente, um daqueles momentos que são, sem dúvida, um dos principais da trilogia¹, onde cada um reconhece que o outro também tem qualidades e merece um lugar. Tudo muda deste ponto em diante. Como explicou Oliveira (2017), “afinamos a amizade à *parrhesía*, que consiste na abertura do coração, na necessidade de se falar francamente ao outro, como indispensável ao conhecimento de si mesmo e às relações amigas”. Neste momento, além do apaziguamento da rivalidade e estreitamento dos vínculos, Woody e Buzz repensam suas identidades e lugares perante os demais brinquedos e no coração de Andy. Enfim, ambos repensam seus lugares na fratria, de uma maneira que inclua as diferenças, a alteridade, a chegada de mais um (o que, aliás, acontece nos demais filmes da trilogia já que novos brinquedos entram no grupo).

Woody e Buzz passam de rivais a companheiros. Woody, que resistiu em ceder lugar, passa a considerar Buzz como brinquedo de Andy, e não o fez só para poder voltar para o quarto de Andy, mas o fez através de uma reflexão sincera e honesta consigo mesmo, entendendo que a chegada de Buzz alterou os lugares que cada um ocupa nas relações e nos afetos daquela comunidade (demais brinquedos e para o garoto Andy), querendo ele ou não. Buzz também entende, não depois de um período de desolação, que não é o patrulheiro espacial na qual acreditava, ou seja, não é tudo aquilo. É só mais um que chegou, outros iguais existem e poderão chegar a qualquer momento. Que transformação para ambos.

Mas a história não termina aqui, pelo contrário, existem muitas aventuras pelas quais todos os brinquedos passam juntos. Podemos lembrar Woody e Buzz precisaram sair da casa de Sid antes que fossem destruídos pelo garoto. E eles decidem que farão isso juntos. O acordo entre eles é de ambos os lados e, graças a

¹ O diálogo do qual falamos está destacado no final do texto da página 44-5.

um dos planos de Woody, eles quebram a regra mais importante entre os brinquedos, mas conseguem ensinar uma lição à Sid, e o fazem com alguma dose de humor. Podemos ver aqui a horizontalidade da relação entre eles, que permitiu o surgimento desse caráter transgressivo e de cumplicidade que salvou a vida de ambos e só poderia acontecer neste tipo de relação.

No final da trilogia, destacamos a cena onde todos os brinquedos estão para ser destruídos no lixão. Ao invés de adotarem uma atitude de “cada um por si”, eles se dão as mãos até o fim. O encontro com o outro e o compartilhar do iminente fim até no momento derradeiro foi bastante visível nesta cena. Os personagens se unem porque seus vínculos estão fortes para isso. Como afirmou Silva (2013), a amizade faz de uma dupla uma unicidade.

A ida de Andy para a faculdade não pode ser esquecida. Andy não se desfaz dos brinquedos que brincou toda a infância de uma maneira qualquer. Ele se despede de todos, um por um, ao mesmo tempo que os apresenta para Bonnie. O vínculo de Andy e Woody nunca se perdeu, nem pela chegada de Buzz, nem com o crescimento do garoto. Claro que houveram mudanças, mas o sentimento que um nutre pelo outro é eterno e um estará sempre na memória do outro.

A partir dos aspectos aludidos, afinamos a prática da psicanálise ao laço social pautado por relações de amizade, visto que a amizade diz de um encontro significativo que acompanha o humano na jornada de sua existência. A psicanálise revela que o outro é fundante e fundamental da significação da experiência da personalidade, e aponta, assim, para um horizonte social marcado pela amizade, sustentado e construído pela ética de sua prática. (OLIVEIRA, 2017, p.98-9)

O desenvolvimento dos personagens passa por todas as etapas do fraterno, sendo que inicia-se com a rivalidade indo em direção ao outro, ao diferente, à alteridade. De acordo com a compreensão psicanalítica, Oliveira (2017) afirma que a presença do outro é indispensável à experimentação de si, contemplar-se no olhar do outro é a garantia da realidade própria. A amizade viria como um elo fundamental que possibilita a criação de sentido mediante ao que está dado aos humanos – a sua condição de convivência. Por fim, entendemos junto com a autora que a mútua estima e a consideração entre os amigos, que permanece mesmo com o distanciamento de suas perspectivas de mundo, remetem ao que é angustiante e

iminente no humano – a possibilidade de trocas significativas com os pares – inerente à significação da personalidade. (Oliveira, 2017, p.96-7)

Por exemplo, em Toy Story 3 Andy está pronto para ir para a faculdade, sair de casa e se despedir de seus brinquedos - mas eles também se despedem de Andy, é um ato recíproco. Woody decide ficar com os demais brinquedos e arruma uma forma de ir para a casa de uma nova criança - ou seja, a despedida é bilateral, ambos estão prontos para deixar uma relação de décadas, e enfrentam as despedidas. O gesto de amizade e de desapego é demonstrado por ambas as partes. Andy, Woody e Buzz demonstram saber deixar partir, para que uma nova era chegue, mesmo que o fim seja melancólico. Mesmo indo para a faculdade, Andy e Woody não deixaram sua amizade acabar, um será sempre especial para o outro. (Silva, 2013)

O vínculo dos protagonistas - em especial a de Woody e Andy - é como o de uma amizade que prevalece e sempre prevalecerá. Andy e Woody são quase um só sendo a separação um ato extremo em suas vidas. (Silva, 2013) Amigo não seria aquele com que dividimos nossas preferências, sentimentos e sensações...é mais que isso: "um amigo seria um outro de nós mesmos. O que se compartilha com um amigo é o que compartilhamos com nós mesmos", nossa própria vida e existência. (Agamben, 2009 apud Silva, 2013, p.112)

Finalizamos com o entendimento que os personagens de Toy Story desenvolveram vínculos de amizade ao longo da trilogia. Tanto Woody e Buzz quanto o garoto Andy se vincularam de forma que demonstraram viverem um sentimento e um laço de amizade uns com os outros. Foram capazes de uma grande transformação ao longo da trilogia na qual, no final, independente do caminho que sigam, permanecem juntos, compartilhando sua condição de existência.

WOODY

Listen Buzz, forget about me. You should get out of here while you can.

Silence.

Woody turns around.

Buzz is gone.

Suddenly, the entire milkcrate begins to shake. Woody looks up to see...

BUZZ

He is on top of the milkcrate, trying to push the tool box off.

WOODY
 Buzz!! What are you doing? I
 thought you were --

BUZZ
 Come on, Sheriff. There's a kid
 over in that house who needs us.
 Now let's get you out of this thing.

WOODY
 Yes Sir!

Both Buzz and Woody push the milkcrate and together, they
 finally get it to move but it's slow progress.

WOODY
 (strained)
 Come on, Buzz! We can do it!

-----xx-----

BUZZ
 I couldn't call myself his friend
 if I weren't willing to do the same.

-----xx-----

BUZZ
 We have a friend in need, and we will
 not rest until he's safe in Andy's room.

-----xx-----

BUZZ
 But I can't accept. We're a family. We stay together.

(Trecho ilustrativo retirado do roteiro dos filmes Toy Story 1, 2 e 3)

DISCUSSÃO

Toy Story é uma trilogia que fornece muito o que conversar: "nostalgia, lembranças, medo do inesperado, do dramático efeito do tempo, do envelhecer e da derradeira e inelutável morte que não seja assim, tão solitária" foram algumas das temáticas citadas por quem assistiu a trilogia completa. (Mussi, 2010) De fato, escolher o que conversar sobre esta trilogia já é uma escolha trabalhosa. Mas, nesta pesquisa sabíamos que tinha algo a ver com vínculos, caminho este que nos levou de encontro o tema "amizade" e sua relação com a fraternidade.

Os personagens principais de Toy Story são muito ricos em características e pudemos constatar isso ao observá-los passar por diversas e complicadas situações, que exigiram muito de ambos. Inúmeras situações onde há formação e rompimento de vínculos aparecem na trilogia. Apesar de inicialmente serem situações difíceis, os personagens sempre terminaram fazendo destas, situações onde novos vínculos se formam, agregando novos amigos ao círculo de personagens. Conforme pudemos analisar, eles são capazes de deixar partirem aqueles que amam quando uma nova fase e oportunidade da vida chega. São amigos leais a quem podem recorrer diante uma situação temida, de perigo. Fornecem ajuda uns aos outros o tempo todo, mesmo que isso implique uma dose de risco, mas que sempre é resolvida em conjunto. Analisar a trilogia Toy Story é observar a força de vínculos afetivos importantes entre os protagonistas e como isso muda a vida deles. A vida é feita de escolhas e podemos entender que, graças aos vínculos de amizade estabelecidos entre os personagens, as escolhas tomadas sempre resultaram em um bem comum e maior, levando-os a um final feliz, apesar das despedidas.

Amigos... buscamos renová-los, renovar-nos por meio deles, substituí-los. Apenas não podem inexistir. Mesmo em contextos aparentemente estranhos a esse fim, cultivamo-los. Como quando estamos no trabalho ou nos cursos que empreendemos, tentamos parcerias para além da elaboração da tarefa profissional ou acadêmica, que se tornam prodigiosas. Apenas para exemplificar que nunca percorremos nada tão sós, basta lermos os agradecimentos nos livros e teses acadêmicas – os amigos são sempre lembrados e referidos explícita ou genericamente.

Enfim, quando contemplamos nos nossos guardados os álbuns de fotos e fitas, constatamos que eles sempre estiveram lá, nas formaturas, nos casamentos, batizados..., até mesmo nos funerais – quando o infortúnio nos nodoa o espírito, o ombro amigo é primordial.

Engana-se, contudo, quem considera que os amigos fazem parte de um cenário fotográfico estático e longínquo. Ao contrário, eles convertem-se em personagens vívidos nos dramas que nos relatam os pacientes, histórias que chamam a atenção pela intensidade e dramaticidade que tingem esses vínculos. (GONÇALVES, 2005, p.158)

A amizade, compreendida sob o olhar da psicanálise, nos relembra que o contato com a alteridade é fundamental na constituição do sujeito. Somos constituídos por estar em relação com o outro, se conseguirmos nos dizer, assim o fazemos porque antes alguém já disse algo sobre nós. Existimos para o outro antes de podermos existir para nós mesmos.

Inicialmente, fomos buscar em Freud sobre o tema “amizade”. Nossa pesquisa nos levou de encontro com artigos que já estavam pesquisando essa relação. Freud faz poucos desdobramentos do tema amizade, não sendo uma palavra nem um tema que tenha se debruçado diretamente. Nas entrelinhas de sua obra, Lejarraga (2010), nos explica que se pode entender que Freud entende a amizade como uma inibição do alvo sexual imaginário, pressupondo a atenuação do prazer e deixando de fora a amizade como um caminho que podemos ter na procura pela felicidade e atenuação do mal-estar inerentemente humano. Mas para Gonçalves (2005), Freud pode ser compreendido também como aquele que destrinchou, em sua metapsicologia, uma compreensão do caminho energético pulsional do erotismo, de onde se erguem as relações de amizade, fornecendo um olhar menos negativo ao entender que o amor fraternal – expresso no campo das amizades – permitem identificações ao sujeito que serão ou não incorporadas de maneira tão complexa quanto o amor genital.

Winnicott também não abordou diretamente a amizade, mas ofereceu um outro olhar sobre este tema nos oferecendo importantes pistas. Recordando o que Lejarraga, (2010) nos explica, para o psicanalista inglês, a amizade estaria vinculada à intimidade, o reconhecimento da alteridade, o espaço potencial e ao concernimento. Sendo assim, o laço da amizade implica numa comunicação íntima e confiável, desenvolvendo-se num espaço potencial – da mesma maneira que o brincar – onde é possível para o sujeito ser criativo na relação com o outro. O reconhecimento da alteridade e de concernimento são necessárias para que o amigo vivencie a alegria do encontro com o diferente.

Freud e Winnicott veriam a amizade de maneira distinta. Foi possível ver diferenças nas noções e concepções de amizade que foram encontradas nas entrelinhas das teorias freudiana e winnicottiana. Enquanto para Freud a amizade é entendida de maneira mais negativa, sendo uma forma de inibição, um objetivo que não se alcança, uma restrição pulsional, e uma diminuição do prazer, para Winnicott

a amizade é vista de maneira positiva, associada a capacidade de brincar, de estar só, de compartilhar a intimidade, de reconhecer a alteridade e de concernimento.

Melanie Klein, junto de uma companheira, Joan Riviere, não escaparam à pesquisa. Num estudo sucinto especificamente sobre a amizade, o tema foi compreendido com base no caminho freudiano: a sexualidade. Para os amigos tanto características relacionadas com a figura materna quanto sentimentos afetivos positivos e negativos seriam destinados. Klein destacou as ameaças internas como as mais significativas e que deveriam ser combatidas em nossa jornada de desenvolvimento interpessoal.

As reflexões contemporâneas nos fornecem um complemento ao tema, que parece nunca ter deixado de visitar a psicanálise de alguma maneira, mesmo que nas entrelinhas.

A autora Brun (2007), faz uma recapitulação, nos explicando que a amizade se constrói consciente e inconscientemente sobre a marca do amor perdido da mãe nos primeiros anos da infância. Então, para o surgimento da amizade, exigiu-se previamente uma saída do meio familiar, sendo assim, a amizade tem marcas das ligações originais cujos efeitos permanecem perceptíveis como mostram as emoções contrastantes provocadas pelas relações de amor e amizade. Encontramos na amizade a possibilidade de uma autonomia do pensamento, da fala, de uma construção que só pode se realizar fora da família, mesmo que seja nesta ou em comparação com esta que sua representação adquira sentido. Desta forma, não deveríamos nos surpreender, ao ver os laços tanto de amor quanto de amizade retornarem ao palco da cena analítica sob o efeito da transferência.

Finalizamos nossa pesquisa entrelaçando teoria psicanalítica e obras fílmicas. Com o suporte de uma trilogia tocante, foi possível fazer uma leitura sobre a amizade de uma maneira humanizada, mesmo tratando-se de animações. Teoria e filmes pareceram conversar, ambos passando pelas mesmas etapas – fraterno, rivalidade, companheirismo, até chegar num momento onde pudemos entender do que estávamos discorrendo ao pensar em amizade.

Em nenhum momento encontramos uma definição de amizade, também nunca houve intenção de propor uma. Trabalhamos o tempo todo com uma compreensão dinâmica, ao mesmo tempo que sutil. Definir qual palavra usar para falar de amizade foi por si só um desafio. Se não há definição, como se referir a ela? Um laço, um vínculo, um estado, um sentimento, uma compreensão, uma

concepção, entre outras preposições. O conceito não é fixo, acreditamos que nem poderia ser, porque é justamente com uma relação que trabalhamos.

Como Eros clama por aglutinações crescentes e complexas, a amizade que vem no seu bojo é importante no processo civilizatório, efeito da hominização e das necessidades interacionais. Ela figura, no meu entender, no leque das mais importantes produções da cultura. A amizade, assim como as artes, a ciência, a justiça, o direito, a ordem política, consistiria em uma das mais refinadas e admiráveis realizações humanas. É quando o homem pode tornar-se cordeiro, fraterno para com seu semelhante, desvelando-se em gentileza, atenção e complacência frente ao outro, alcançando, dessa forma, um dos mais elevados ideais humanitários. (GONÇALVES, 2005, p.162)

Seja como for, a amizade foi aparecendo e se mostrando ao longo dessa pesquisa nas palavras e narrativas de muitas leituras feitas para entendê-la, para conhecê-la. Mas passamos a entender que, a despeito da falta de uma caracterização universal, ao ler sobre a amizade o leitor dessa pesquisa possa tê-la vivenciado, sentido, lembrado de situações na própria vida na qual experienciou (ou experienciou) a amizade. Um tema que mobiliza, naqueles que leem sobre, algum grau de transferência. Ao menos, esperamos que sim.

REFERÊNCIAS

- Al Time Worldwide Box Office Grosses. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/Altime/world/>>. Acesso em: 24 out. 2016.
- BRUN, Danièle. A gramática amorosa da amizade. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 10, n. 2, p. 311-319, 2007.
- CASADORE, Marcos Mariani. Sándor Ferenczi e a psicanálise: pela errância das experimentações. 2011.
- CORSO, Diana L. **Amigos para não conversar**. 2016. Disponível em: <<http://www.marioedianacorso.com/amigos-para-nao-conversar>>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca**. Artmed Editora, 2009.
- COSTA, Keilla Renata. "Sándor Ferenczi"; Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/sandor-ferenczi.htm>>. Acesso em 22 de outubro de 2018.
- FREUD, Sigmund. **O Mal Estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (In: ESB das obras psicológicas completas de S. Freud.). J. Salomão.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil–UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica–Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. **Porto alegre: Editora da UFRGS**, v. 2, n. 0, p. 0, 2009.
- GOLDSMID, Rebeca; CARNEIRO, Terezinha Feres. A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão/The fraternal function and the vicissitudes of being and having a sibling. **Psicologia em Revista**, v. 13, n. 2, p. 293, 2007.
- _____. Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. **Psicologia USP**, v. 22, n. 4, p. 771-788, 2011.
- GOMES, Livia Godinho Nery; SILVA JÚNIOR, Nelson da. Implicações políticas da semântica familiarista nos discursos de amizade contemporâneos. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 2, p. 267-275, 2008.
- GONÇALVES, Tereza Elizete. Do homem cordeiro para outro homem: apreciação psicanalítica do sentimento de amizade. **Mudanças-Psicologia da Saúde**, v. 13, n. 1, p. 151-174, 2005.
- GONDAR, Jô. A amizade e a ética da psicanálise. **Psicologia Clínica**, v. 26, n. 2, 2014.

JÚNIOR, Wilson Krette. Giorgio Agamben e as noções de dispositivo, amizade e a busca pela visão na obscuridade do presente para entender o contemporâneo.

Revista Trama Interdisciplinar, v. 1, n. 2, 2011.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. **Atas CIAIQ2015**, v. 2, 2015.

LEJARRAGA, Ana Lila. A noção de amizade em Freud e Winnicott. **Natureza humana**, v. 12, n. 1, p. 1-20, 2010.

MANFRINATO, Mariana Guimarães. Psicologia e DSM. **Monografia apresentada para conclusão do curso de Aprimoramento: Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto. Curso de Aprimoramento: Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto Psicologia e DSM**, v. 4, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed.-São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, C. **Fundamentação Teórica**. 2006. Disponível em www.portaleducacao.com.br. Acesso em: 16 de fev. 2019.

MILAN, Betty. **O amigo escuta**. 2018a. Disponível em: <http://www.abcdavida.com.br/posts/o-amigo-escuta/>. Acesso em: 16 fev. 2019.

_____. **O tempo passado com o amigo nunca é perdido**. 2018b. Disponível em: <http://www.abcdavida.com.br/posts/o-tempo-passado-com-o-amigo-nunca-e-perdido/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

MUNIZ, Thiago. **'Toy Story 4' ganha data de estreia**. 2018. Disponível em: <https://cinepop.com.br/toy-story-4-ganha-data-de-estreia-2-171789>. Acesso em: 22 set. 2018.

MUSSI, Luciana Helena. A Trilogia Toy Story e os caminhos da maturidade. **Revista Longevidade**, n. 1, 2010.

OLIVEIRA, Ana Paula Vedovato Marques de. **Amizade e psicanálise: o cuidado de si no encontro com a alteridade**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

ORTEGA, Francisco. **Genealogia da amizade**. Editora Iluminuras Ltda, 2002.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Amizade e ética do cuidado em psicanálise. **Psicologia USP**, v. 24, n. 2, p. 333-337, 2013.

PRIMO, Joana Sampaio et al. **Amizade, espaço de pensamento e alteridade: uma análise das cartas de Freud a Fliess**. 2015. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RIBEIRO, L.; Costa, T. **Toy Story 2: A trajetória identitária-informacional de um objeto de Coleção**. Disponível em:

<<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1360/Toy%20story.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 nov. 2016.

ROZENTHAL, Eduardo. Ferenczi: a análise como prática da amizade. **Tempo psicanalítico**, v. 45, n. 2, p. 475-482, 2013.

SAFRA, Gilberto. A clínica em Winnicott. **Natureza humana**, v. 1, n. 1, p. 91-101, 1999.

SALGADO, F. Mais que amigos eram irmãos—A amizade no contexto da fratria ou o reverso da rivalidade fraterna. **Revista Portuguesa de Grupanálise**, v. 2011, p. 23-31, 2011.

Screenplays For You - Free Movie Scripts and Screenplays (Org.). **Toy Story (1995): by Joss Whedon, Andrew Stanton, Joel Cohen and Alec Sokolow**. Final draft, November 1995. FOR EDUCATIONAL PURPOSES ONLY. Disponível em: <https://sfy.ru/?script=toy_story>. Acesso em: 01 maio 2019.

SILVA, Clayton Antonio Santos da et al. **A complexa trama da pixar: cinema e condição humana**. São Paulo, 2013..

SILVEIRA, Ricardo Wagner Machado da. Amizade e psicoterapia. São Paulo, 2006.

SISTER, Bela M.; SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. Heitor O´Dwyer de Macedo. 2012. **Jornal Digital dos Membros, Alunos e Ex-Alunos**. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=20&ordem=3>. Acesso em: 23 abr. 2019.

SOUSA, Luciano Antunes F.. **Cartas a uma jovem psicanalista**. 2011. ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/pdf/lucianoantunes_cartas.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2019.

TOMÉ, Bruno. **Toy Story 4: Possível sinopse da animação indica uma história romântica e novos brinquedos**. 2019. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2019/01/toy-story-4-possivel-sinopse-da-animacao-indica-uma-historia-romantica-e-novos-brinquedos>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

Toy Story (1995) - Box Office Mojo. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=toystory.htm>>. Acesso em: 24 out. 2016.

Toy Story (1995) - IMDb. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0114709/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

Toy Story 2 (1999) - Box Office Mojo. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=toystory2.htm>>. Acesso em: 24 out. 2016.

Toy Story 2 (1999) - IMDb. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0120363/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

Toy Story 2 Reviews - Metacritic. Disponível em: <<http://www.metacritic.com/movie/toy-story-2>>. Acesso em: 24 out. 2016.

Toy Story 2 (1999) - Rotten Tomatoes. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/toy_story_2>. Acesso em: 24 out. 2016.

TOY STORY 2. Dirigido por: John Lasseter. EUA: Pixar animation studios. 1999. 92 min, sonoro, colorido. (animação)

Toy Story 3 (2010) - Box Office Mojo. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=toystory3.htm>>. Acesso em: 24 out. 2016.

Toy Story 3 (2010) - IMDb. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt0435761/>>. Acesso em: 23 out. 2016.

Toy Story 3 Reviews - Metacritic. Disponível em: <<http://www.metacritic.com/movie/toy-story-3>>. Acesso em: 24 out. 2016.

Toy Story 3 (2010) - Rotten Tomatoes. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/toy_story_3>. Acesso em: 24 out. 2016.

TOY STORY 3. Dirigido por: Lee Unkrich. EUA: Pixar animation studios. 2010. 103 min, sonoro, colorido. (animação)

Toy Story Reviews - Metacritic. Disponível em: <<http://www.metacritic.com/movie/toy-story>>. Acesso em: 24 out. 2016.

Toy Story (1995) - Rotten Tomatoes. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/toy_story>. Acesso em: 24 out. 2016.

TOY STORY. Dirigido por: John Lasseter. EUA: Pixar animation studios. 1995. 81 min, sonoro, colorido. (animação)

TRIANA, Bruna Nunes da Costa. **Ensaio sobre as cores: ética, mimesis e experiência na trilogia de Krzysztof Kielowski**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

_____. Imagens refletidas: o cinema, o eu e o outro na trilogia das cores de Krzysztof Kieślowski. **Revista Habitus**, v. 8, n. 2, 2010.

_____. Um Caminho Pelas Cores: cinema e ética na trilogia de Kieślowski. **Teoria e Cultura**, v. 12, n. 2, 2017.

ANEXOS

Ficha técnica da trilogia Toy Story:

TOY STORY - (pt: Toy Story)

País: Estados Unidos

Ano: 1995

Duração: 77 MIN.

Direção: John Lasseter

Roteiro: Alec Sokolow, Andrew Stanton, Joe Ranft, Joel Cohen, John Lasseter, Joss Whedon, Pete Docter

Produção: Bonnie Arnold, Ralph Guggenheim

Trilha Sonora: Randy Newman

Estúdio: Pixar, Walt Disney

Distribuidora: Disney

Elenco: Andrew Stanton, Annie Potts, Bill Farmer, Brittany Levenbrow, Cody Dorkin, Craig Good, Danielle Judovits, Debi Derryberry, Don Rickles, Erik von Detten, Greg Berg, Gregory Grudt, Jack Angel, Jan Rabson, Jeff Pidgeon, Jim Varney, Joe Ranft, John Morris, John Ratzenberger, Kendall Cunningham, Laurie Metcalf, Lisa Bradley, Mickie McGowan, Patrick Pinney, Penn Jillette, Phil Proctor, R. Lee Ermey, Ryan O'Donohue, Sam Lasseter, Sarah Freeman, Scott McAfee, Shane Sweet, Sherry Lynn, Spencer Aste, Tim Allen, Tom Hanks, Wallace Shawn

Fonte: <https://www.cineclick.com.br/toy-story>

TOY STORY 2 - (pt: Toy Story 2)

País: Estados Unidos

Ano: 1999

Duração: 92 MIN.

Direção: Ash Brannon, John Lasseter, Lee Unkrich

Roteiro: Andrew Stanton, Ash Brannon, Chris Webb, Doug Chamberlin, John Lasseter, Lee Unkrich, Pete Docter, Rita Hsiao

Produção: Helene Plotkin, Karen Robert Jackson

Fotografia: Sharon Calahan

Trilha Sonora: Randy Newman

Estúdio: Pixar Animation Studios, Walt Disney

Distribuidora: Disney

Elenco: Andi Peters, Andrew Stanton, Annie Potts, Bill Farmer, Bob Bergen, Carly Schroeder, Corey Burton, Debi Derryberry, Don Rickles, Estelle Harris, Hannah Unkrich, Jack Angel, Jan Rabson, Jeff Pidgeon, Jess Harnell, Jessica Evans, Jim Varney, Joan Cusack, Jodi Benson, Joe Ranft, John Lasseter, John Morris, John Ratzenberger, Jonathan Harris, Kelsey Grammer, Laurie Metcalf, Lee Unkrich, Madylin Sweeten, Mary Kay Bergman, Mickie McGowan, Nicolette Little, Pat Fraley, Phil Proctor, R. Lee Ermey, Rachel Davey, Rodger Bumpass, Sherry Lynn, Sheryl Bernstein, Tim Allen, Tom Hanks, Wallace Shawn, Wayne Knight

Fonte: <https://www.cineclick.com.br/toy-story-2>

TOY STORY 3 - (pt: Toy Story 3)

País: Estados Unidos

Ano: 2010

Duração: 113 MIN.

Direção: Lee Unkrich

Roteiro: Andrew Stanton, John Lasseter, Lee Unkrich, Michael Arndt

Produção: Darla K. Anderson

Trilha Sonora: Randy Newman

Estúdio: Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures

Distribuidora: Buena Vista Home Entertainment

Elenco: Adam Joshua Jastrow, Amber Kroner, Aramé Scott, Beatrice Miller, Blake Clark, Bob Peterson, Bonnie Hunt, Brianna Maiwand, Bud Luckey, Carlos Alazraqui, Charlie Bright, Colette Whitaker, Colleen O'Shaughnessey, Constantino Bravos, Danny Mann, Don Rickles, Emily Hahn, Erik von Detten, Estelle Harris, Gia Michailidis, Hannah Unkrich, Jack Angel, Jack Willis, James Kevin Ward, Jan Rabson, Javier Fernandez Pena, Jeff Garlin, Jeff Pidgeon, Jerome Ranft Lee Unkrich, Jess Harnell, Joan Cusack, Jodi Benson, John Cygan, John Morris, John Ratzenberger, Kristen Schaal, Laraine Newman, Laurie Metcalf, Leo Jergovic, Lori Alan, Michael Keaton, Mickie McGowan, Ned Beatty, Nikolas Michailidis, R. Lee Ermey, Richard Kind, Taiana Huff, Teddy Newton, Teresa Ganzel, Theodore F. Kayser, Tim Allen, Timothy Dalton, Tom Hanks, Wallace Shawn, Whoopi Goldberg, Woody Smith

Fonte: <https://www.cineclick.com.br/toy-story-3>

Contato da autora:

e-mail: fer.galon@yahoo.com.br

Como citar este trabalho:

GALON, Fernanda Guerra. **“Amigo Estou Aqui”**: Um Caminho da Fraternidade à Amizade sob o Olhar Psicanalítico Através da Trilogia Toy Story. 2019. 65 f. - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.